

GUARDE-OS DO MAL

Preservando seus filhos do mundo secular
e preparando-os para o evangelho

David de Bruyn



GUARDE-OS DO MAL

Preservando seus filhos do mundo secular
e preparando-os para o evangelho

David de Bruyn

GUARDE-OS DO MAL

Preservando seus filhos do mundo secular
e preparando-os para o evangelho

David de Bruyn



editora **batista** regular
Construindo vidas na Palavra de Deus
www.editorabatistaregular.com.br

Impresso no Brasil, novembro de 2015

*Guarde-os do mal: Preservando seus filhos do mundo secular
e preparando-os para o evangelho*

© 2013 por David de Bruyn

Textos bíblicos extraídos de Sociedade Bíblica do Brasil, Almeida
Revista e Atualizada (Sociedade Bíblica do Brasil, 2003)

Editor: Mark A. Swedberg

Tradução: Michelli Glauce Devecchi Rolim

Revisão: Carol Medeiros de Oliveira Simão e

Thiago André Monteiro

Capa: Kevin Mungons; Diagramação: Kevin Mungons

Foto da capa: Marcos Mesa Sam Wordley.

Imagem usada por licença de shutterstock.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa publicação pode ser reproduzida, salva em sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravado ou qualquer outro, sem prévia autorização da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Maurício Amormino Júnior, CRB6/2422)

B914g

Bruyn, David de

Guarde-os do mal: Preservando seus filhos do mundo secular e preparando-os para o evangelho / David de Bruyn (tradução Michelli Glauce Devecchi Rolim) – São Paulo, SP: Editora Batista Regular, 2015.

Título original: Save them from secularism: Pre-evangelism for your children

1. Educação cristã de crianças. 2. Ensino de crianças. 3. Evangelização. I. Rolim, Michelli Glauce Devecchi. II. Título

ISBN: 978-85-7414-054-4

CDD-268.6

Editora Batista Regular

Rua Kansas, 770 - Brooklin - CEP 04558-002 - São Paulo - SP

Telefone: (11) 5561-3239

Site: www.editorabatistaregular.com.br

Sumário

1. Imaginações seculares 7
2. Piedade paterna 15
3. Os papéis da família 19
4. Rotinas 23
5. Rituais 27
6. Boas maneiras 39
7. Artes 45
8. A tradição cristã 65
9. Linguagem, pensamento e educação cristã 69
10. Conclusão 79

Apêndice A: Recursos para os pais 83

Apêndice B:

Dez maneiras de criar um secularista 87

Apêndice C: O deus da diversão 91

1 Imaginações seculares

Esse não é outro livro sobre como pregar o evangelho para seus filhos. É um livro sobre como *prepará-los* para o evangelho. É um livro sobre moldar suas atitudes com relação ao evangelho.

Presumo que, se você está lendo esse livro, é porque quer ver seu filho professar Cristo e segui-lo por toda sua vida. Eu, portanto, acredito que você esteja ensinando-o sobre o evangelho, expondo-o às verdades bíblicas e convocando-o para que se arrependa e creia.

Minha preocupação nesse livro é por que cada vez menos crianças que vêm de lares cristãos estão professando o evangelho, e por que somente uma fração delas continua sendo discípula ao longo de suas vidas.

Estudos feitos pelo Barna Group (uma empresa de pesquisa que estuda a crença e o comportamento religiosos nos Estados Unidos), ainda que questionáveis, mostram que a maioria das crianças criada dentro de igrejas evangélicas abandonará sua fé. De acordo com esses relatórios, embora muitos desses que saem da igreja estejam ativamente envolvidos durante a adolescência, lá pelos seus vinte anos eles já pararam de se envolver ativamente na fé cristã. No total, de

cada dez jovens de vinte e poucos anos, seis abandonam a igreja e a vida cristã. Pior, não é apenas algo temporário, mas a tendência parece continuar até a fase adulta, quando aqueles que abandonaram a igreja têm seus próprios filhos.

Todos os tipos de razões têm sido propostas para esse tipo de comportamento: a segregação por idades na igreja, a superficialidade do ministério para jovens, a inconsistência dos cristãos adultos, a falta de liderança espiritual nos lares, a falta de discipulado sério na igreja local e a proliferação da mídia nociva. Quaisquer um, ou todos esses, podem ser fatores contribuintes. Contudo, o que parece estar faltando nessas discussões é como a disposição da criança com relação ao cristianismo é moldada muito antes dela encontrar as verdades do evangelho, ou as exigências do discipulado.

Antes que a criança seja capaz de pesar as proposições que explicam o evangelho ou considerar a validade do ensinamento bíblico, ela já tem opiniões pré-formadas contra ou a favor das reivindicações de Cristo. Ou ela tem uma disposição, uma sensibilidade de que o cristianismo é verdadeiro, bom, e belo e deve ser aceito, ou não tem. Enquanto cresce, essa percepção aumenta ou diminui em ambas as direções, e molda em grande parte como ela interpreta os fatos do cristianismo à medida que lhe são apresentados.

Em outras palavras, a criança não é uma *tabula rasa*, ou seja, uma página em branco. Ela chega com um conjunto de faculdades que imediatamente a levam a compreender o mundo ao interpretar seus dados brutos por meio de uma “gama” de interpretações, sensibilidades e disposições. Nenhum fato deparado por ela é compreendido por si; mas compreendido através de uma gama de outros fatos, sentimentos e desejos. Isso inclui fatos tais como *Jesus é o Filho*

de Deus, o inferno realmente existe, e Jesus merece sua total lealdade e seu amor máximo. Como a pessoa responde a essas declarações, tanto aos cinco quanto aos vinte anos, é grande parte resultado dessa gama.

Outro termo para essa gama é a *imaginação*. Como uma pessoa imagina a realidade na sua totalidade, como ela retrata as coisas definitivas que dão sentido aos dados brutos de sua vida, como deposita valores em coisas e os ordena, é sua imaginação. Essa imaginação pode ser cristã ou não-cristã. Pode ser religiosa ou secular. E é moldada muito antes que a criança aprende a ler ou responder a perguntas do catecismo.

J. Gresham Machen coloca a questão desse modo:

Seria um grande erro supor que todos os homens estão igualmente preparados para receber o evangelho. É verdade que o que é decisivo é o poder regenerativo de Deus, que pode superar toda falta de preparação, e sem o qual a melhor preparação se torna inútil. Mas, na realidade, Deus normalmente opera seu poder em conexão com certas condições prévias da mente humana, e essas condições favoráveis para a recepção do evangelho deveriam ser, até onde nos é possível, criadas por nós.¹

Creio que muitos dos evangélicos que testemunhamos deixando a igreja estão abandonando sua fé porque cresceram com uma imaginação fundamentalmente secular, coberta com uma fina camada de cristianismo. Com o passar do tempo, ou como resultado de alguma circunstância da vida, a gama subjacente leva a pessoa a reavaliar suas crenças e alinhá-las mais consistentemente com sua gama. Como a gama é essencialmente aquela que enxerga Deus como uma questão sem peso

1. *Revista Teológica de Princeton*, Vol 11, 1913, p.7.

algun, até mesmo não existente, em algum ponto essa pessoa reconhece que sua fé cristã é uma ruga em sua cosmovisão, um erro no programa, um dígito estranho que não pertence ali. Consequentemente, ela declara que “não crê mais”.

A questão para os pais cristãos é: como essa gama é moldada? Como moldar a imaginação para que a criança tenha opiniões pré-formadas a favor das verdades do cristianismo antes e por muito tempo depois de abraçá-las? Os pais precisam pensar seriamente em como moldar essas condições prévias da mente.

Entendendo a imaginação

Se quisermos que nossos filhos amem e aceitem os “fatos” do evangelho, precisamos dar um passo para trás e pensar em como as crianças adquirem conhecimento. Na verdade, precisamos dar mais um passo para trás e pensar no próprio conhecimento.

Estamos rodeados de uma cultura científica (não apenas *científica*) que gosta de ver a si mesma como interessada apenas em “fatos objetivos”. Para esse tipo de pensamento, as chaves para o entendimento do mundo são um bom microscópio, telescópio, computador ou qualquer outro instrumento que possa registrar fatos *objetivos* sobre o mundo. Esta cultura pensa que, se coletarmos um número suficiente desses fatos objetivos da física, química, geociência, astronomia, genética e outras ciências, entenderemos a realidade. Isso é conhecimento *real*, gaba-se. Nenhum desses valores *subjetivos* e julgamentos pessoais sobre religião, moralidade, ética, beleza ou verdade são consideráveis – são apenas preferências. Eles não podem ser testados, verificados ou medidos em um

laboratório, portanto, são simples afirmações de desejos e opiniões humanos e não representam a realidade. Se quisermos conhecer a realidade e entender questões cruciais tais como quem somos, como chegamos aqui, para onde estamos indo, por que estamos aqui, devemos nos voltar às ciências “objetivas”. Conhecer a realidade torna-se, então, um exercício em colecionar fatos. Supõe-se então que, se colecionarmos uma quantia suficiente desses fatos científicos autônomos, conheceremos a realidade.

A maioria dos currículos das escolas modernas reflete esse pensamento modernista. Leia os livros didáticos, ouça as aulas e você observará isso. A realidade, para eles, é uma coleção de fatos brutos não interpretados e, portanto, a criança deve colecionar tantos quanto for possível, não importa o quão desconexos ou ecléticos sejam. Fatos matemáticos, históricos, geográficos, químicos, biológicos, linguísticos e sociais (o mais absurdo de todos) – se a criança completar uns doze anos desse tipo de acúmulo de fatos, então ela está “instruída”. Nada unifica ou liga esses fatos, nem se pede que a criança os pondere por sua virtude ou beleza. Ela só precisa colecioná-los, pegar seu diploma, e arrumar um emprego.

O problema com todo esse esforço é que ele é incrivelmente presunçoso e não enxerga sua própria arrogância. A ideia da perfeita objetividade da ciência, e da suposta subjetividade não confiável da arte e da fé, foi um conceito do Iluminismo. Na realidade, todos os “fatos” são conhecidos por sujeitos – nós. Nós entendemos o *significado* dos fatos sob consideração, o *valor* dos fatos que estamos vendo, somente ao conectá-los a uma gama muito maior de compreensão. Essa gama é a imaginação.

Em outras palavras, embora a realidade objetiva exista fora

de nós, nós apenas conhecemos essa realidade como sujeitos apreendedores. Apreendemos a realidade através de uma gama pré-existente que interpreta os fatos. A gama, ou a imaginação, determina como interpretaremos os dados brutos do mundo que nos são dados. Se a gama estiver errada, interpretará erroneamente o que se vê o tempo todo. O telescópio pode ser perfeito, mas a questão não é essa. Seres humanos usam esses telescópios e decidem o que significam os dados que extraem.

Romanos 1 explica claramente essa ideia. Quando a gama de exclusiva devoção a Deus foi abandonada e substituída pela gama da idolatria, a humanidade se tornou progressivamente enganada em sua percepção do mundo.

Porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos.
(Romanos 1.21-22)

A missão do homem em colecionar fatos agora chegaria sempre às conclusões erradas, porque sua gama era agora idólatra.

Mas por que toda essa discussão sobre conhecimento e objetividade em um diálogo sobre evangelismo de crianças? Porque muitos pais cristãos têm adotado a ideia modernista de colecionar fatos objetivos quando se trata de educar seus filhos. A abordagem deles é idêntica à secular, exceto pelo fato de que, à lista de fatos de álgebra, de economia, de arte, eles acrescentam fatos da Bíblia. Acreditam que precisam simplesmente suplementar as informações seculares com um pouco de informação cristã e tudo ficará bem. Anos depois,

seus filhos, agora jovens adultos, anunciam que não acreditam mais no que aprenderam na Escola Bíblica Dominical. O que aconteceu? Os fatos bíblicos mudaram em seu conteúdo? A criança descobriu que esses fatos não eram objetivos?

O que aconteceu é que a *interpretação* da criança desses fatos bíblicos mudou. Seus *sentimentos* para com os fatos bíblicos mudaram, o que por sua vez, mudaram o *significado*, a interpretação desses fatos bíblicos em sua mente. E mudaram por causa do que estava acontecendo por trás desses fatos – em sua imaginação.

Para os cristãos, o moldar da imaginação se torna especialmente crucial porque não queremos apenas que nossos filhos interpretem os dados sensoriais brutos do mundo de acordo com a visão divina da realidade, precisamos que entendam muitas coisas que não podem ser vistas – os atributos de Deus, graça, justiça, nobreza, santidade, juízo, citando apenas alguns. Eles somente entenderão essas realidades fundamentais invisíveis através da imaginação – através de analogias que explicam as coisas invisíveis pelas visíveis. Se suas imaginações estiverem cheias de analogias incorretas, eles interpretarão mal e terão uma compreensão errada das realidades invisíveis que são críticas ao evangelho e à vida cristã. Pior ainda, eles responderão a essas realidades de maneira errada, tratando-as diferentemente do que elas são.

O papel dos pais é muito mais do que inserir dados na CPU da criança, como se uma alma humana pudesse ser comparada a um computador. Os pais têm mais ou menos vinte anos para moldar a visão que a criança terá da realidade. Eles são parcialmente responsáveis por montar um mapa mental na criança, usando todo tipo de analogia. Ao construirmos essas analogias, não estamos apenas moldando a gama da

criança, estamos também a ensinando como deve se *sentir* em relação aos fatos que encontrará. Antes mesmo do vocabulário dela ser muito extenso, nós a suprimos com um senso de proporção: *isso é como aquilo, e merece* esse tipo de resposta. Repito, muitos pais acham que o objetivo da educação de filhos é transmitir conhecimento cognitivo. Contudo, se você quer que seu filho interprete corretamente o conhecimento com o qual ele se depara, você precisa moldar sua imaginação através do conhecimento análogo.

Como construímos o conhecimento análogo? Há muitas maneiras que surgem dos exemplos das Escrituras e do mundo que Deus criou. Os próximos capítulos as examinarão.

2 Piedade paterna

O primeiro e maior mandamento é seguido por uma ordem para ensinar os filhos a fazerem o mesmo (Dt 6.4–9). Nosso objetivo como pais deveria ser nada menos do que ajudar a moldar nossos filhos para que, pela graça, eles se tornem ardentes adoradores de Deus. Já dissemos que isso não ocorre ao simplesmente falarmos do amor de Deus para eles, mas ao moldarmos sua imaginação.

Provavelmente uma das primeiras analogias que a imaginação da criança recebe é a analogia da piedade dos pais. Isso oferece a elas a primeira imagem de como é estar em uma relação com Deus.

Antes que a criança saiba qualquer coisa sobre a justificação, a pena substitutiva, ou a natureza de Deus, ela sabe como é uma relação com Deus. Ou pelo menos, sabe como seus pais crentes a expressam. A imaginação religiosa da criança é moldada ao ser exposta à piedade de seus pais e é seu exemplo que dá a ela a primeira noção de *como* é amar a Deus e se Deus *deve* ser amado.

Essa é provavelmente a razão pela qual, logo após dizer a Israel que eles deviam amá-lo de todo seu coração, alma e força, Deus diz que essas palavras sobre amá-lo de forma

total “estarão no teu coração”. Isso é, essas palavras devem ser internalizadas, entendidas e praticadas pelos pais primeiro. Só depois disso vem o versículo 7:

Tu as inculcarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te e ao levantar-te.

Certamente, esse ensinamento tomará a forma de instrução direta. Contudo, nossa preocupação nesse livro é entender como a faculdade não-discursiva, não-cognitiva, de conhecimento é moldada. Com certeza, parte do ensinamento é o exemplo encarnado do amor de Deus visto em seus pais.

Amar a Deus de todo coração pode ser considerado como total dependência, total devoção e total prazer. Quando amamos a Deus com todo nosso coração, nós o consideramos supremamente confiável, supremamente valioso e supremamente desejável. Não confiamos, nos comprometemos ou nos regozijamos em algo como um fim em si mesmo a não ser Deus. Todo o resto são meios: Deus é o único fim.

Em uma família, esse tipo de amor por Deus é visto de várias maneiras tangíveis. Quando em meio a uma crise financeira ou emocional, o papai diz à família: “Podemos agradecer a Deus pelo que ele nos tem dado. Vamos nos dirigir a ele em oração agora, pedindo por graça”, essa lição fala aos pequenos corações poderosamente. Gratidão e contentamento falam mais que cem sermões. Quando o papai diz: “Temos pouca gasolina no carro, mas sabemos que Deus quer que o cultuemos. Confiamos que Deus tornará possível o que ele ordena”. E você sabe o que Deus ama fazer quando aqueles pequenos olhinhos estão observando esse ato de total dependência? Prover. Suprir. Proteger.

Quando o filho está gemendo de dor de garganta na segunda-feira de manhã, e o pai diz: “Saia já da cama e apronte-se. Você vai para a escola”, ele está ensinando sobre a importância da educação. Mas, quando a criança tem essa mesma dor de garganta domingo de manhã e o pai diz: “Bom, tudo bem, você pode descansar hoje”, ele ensina outra coisa. Está ensinando que educação tem mais prioridade que adoração. Ensina que nossa devoção à educação deve exceder nossa devoção a Deus.

Quando a mamãe leva o filho de carro para a aula de natação que fica de um lado da cidade, depois o leva até o outro lado para a aula de tênis ou balé, depois mais alguns quilômetros para o reforço de matemática, volta para aula de futebol e finalmente chega em casa batendo a marca de 100 quilômetros nesse processo, a criança aprende que o papai e a mamãe gostam que ela tenha muitas atividades. Mas, quando eles dizem, “Não vai dar para ir ao culto de quarta-feira, porque é muito longe e o combustível está caro”, ela aprende sobre prioridades. O custo do combustível e o tempo dirigindo não são problema quando se trata de aulas extras ou educação, mas se tornam grandes obstáculos quando a questão é a igreja. Ela acaba de aprender o quão comprometido alguém deve ser para com Deus, e não é um comprometimento derradeiro.

As crianças sabem o que amamos. Eles veem quando nossos olhos brilham quando falamos sobre o que nos dá prazer. Eles veem como antecipamos as coisas que realmente amamos. Veem como nos lembramos das coisas que amamos. E veem como conectamos essas coisas com Deus, se é que as conectamos. Eles veem como são nossas atitudes com relação às coisas de Deus.

Se o papai suspira pesadamente enquanto todos entram no carro no domingo, mas fica todo animado antes da partida de

futebol na TV, ele comunica o que lhe traz mais alegria. Se a mamãe cantarola enquanto posta fotos no Facebook, mas faz cara de quem está chupando limão quando canta os hinos, ela comunica o que lhe traz mais alegria.

Não se engane, os olhinhos das crianças estão fixos em você durante o louvor na igreja – você aprecia e entende os hinos, ou apenas articula-os com os lábios? Ama a Palavra de Deus e a lê com apetite? Demonstra saborear a Palavra antes e depois? Eles notam quando você está mergulhado na Palavra, e também quando está olhando para o relógio. E mais tarde, eles poderão se lembrar que você não faz isso ao assistir um filme.

Antes de você *dizer* a eles, você *mostra* a eles aquilo que é confiável, valioso e desejável. Deus diz que há apenas um que merece esse tipo de amor. Entra dia, sai dia, essa deve ser a mensagem do nosso lar.

3 Os papéis da família

O modo como a criança imagina a realidade suprema é fortemente moldado pelos pais. O modo como seus pais vivem sua fé fornece à criança um contínuo exemplo de como é uma relação com Deus, de como é amar a Deus, e como isso deve ser escolhido em detrimento do secularismo, materialismo, ou o ateísmo prático.

Contudo, a unidade familiar é bem mais que um conjunto de amostras de piedade. A família também é uma coleção de símbolos vivos. O lar é uma encenação estendida, uma metáfora contínua. Cada membro tem um papel, e com esse papel vêm as relações correspondentes. Esses papéis tem análogos na suprema realidade. Marido, esposa, pai, mãe e filho assumem papéis específicos que ilustram realidades morais intangíveis.

No lar, a criança observa essa encenação por mais ou menos vinte anos. Embora a cotidianidade da vida camufle-o, os papéis da família ensinam a criança sobre a realidade derradeira. Eles ensinam sobre autoridade e como ela deve ser exercida. Ensinam sobre obediência e desobediência, as razões para a obediência e as consequências de se obedecer e desobedecer. Ensinam sobre amor: que há diferentes graus

de amor e tipos diferentes de amor. Ensinam sobre as realidades do evangelho: pecado, justiça, sacrifício, serviço, graça e misericórdia, perdão e confiança.

Antes que a criança possa pronunciar a palavra “Deus”, ela já tem uma ideia sobre autoridade. Antes que o seu filho tenha ouvido sobre o inferno, ele já aprendeu se o egoísmo tem ou não consequências negativas. Antes que o seu filho tenha decorado João 3.16, ele já observou algum tipo de amor no lar.

Duas áreas são de suma importância para a imaginação religiosa: o retrato da autoridade amorosa de Deus, que inspira e exige tanto obediência quanto reverência, e o retrato da graça soberana que zela e cuida dos amados. Em outras palavras, as crianças precisam de uma visão da grandeza e da bondade de Deus, sua transcendência e imanência.

Os pais (e mães) visam serem retratos de um Deus que rege justamente, mas considera a rebelião uma profunda perversidade que deve ser corrigida. O tipo de obediência que Deus espera de nós (imediate, feliz e sincera) é o tipo que os pais visam inspirar e esperar. Desse modo, o pai, em especial, quer ser um retrato de um Deus a ser reverenciado, honrado e estimado, que enxerga irreverência com a mesma profunda apreensão. O tipo de respeito que um filho mostra à sua Autoridade Suprema deve começar pelo menos na forma de semente como honra aos pais (e eu acrescento, aos avós, pastores, professores, policiais, governantes e assim por diante). E me apresso em dizer que há um tipo de postura vinda dessas autoridades que inspiram reverência (Tt 2.2-3). Idealmente, as crianças verão um modelo de submissão e reverência quando observam a mãe em seu papel de esposa (Ef 5.22-33).

Mães e pais visam ser figuras de um Deus que procura sacrificialmente atender às necessidades daqueles que ele ama

e considera preciosos. Esse zelo e cuidado do marido para com a esposa, e dos pais para com os filhos deve ser real (Ef 5.29; 1Ts 2.7, 11). Por essa razão, masculinidade e feminilidade bíblicas são mais do que realidades biológicas e fórmulas práticas, elas são sombras de verdades invisíveis. Quando vividas corretamente, os filhos veem cópias da verdade (Hb 9.24).

Recentemente, bons livros têm sido escritos sobre como os pais cristãos devem ir além do lidar com meros comportamentos externos, mas visar atingir os desejos e crenças do coração da criança.² Esses livros, de forma louvável, exortam para um treinamento que leva a criança direto ao evangelho. Vamos levar um pouquinho mais adiante. Nosso objetivo é mais do que conhecer fatos do evangelho, mas fazer com que nossos filhos imaginem corretamente as realidades conectadas a ele, e sintam-se bem com essas realidades.

Se formos diligentes ao obedecermos aos papéis bíblicos no poder do Espírito Santo, encheremos nosso lar com algo extraordinário: um contínuo, ainda que imperfeito, retrato do Criador que rege, mas que também redime e resgata. Mais uma vez, as crianças aprenderão não apenas que devem amar a Deus, mas que amar a Deus é bom. Elas aprenderão que, se uma relação com Cristo é como o casamento dos seus pais, amar a Deus é desejável. Se Deus cuida delas do mesmo modo que sua mãe, então é *seguro* confiar em Deus de todo o coração. Se Deus é justo e rigoroso tanto quanto seus pais, então eles *precisam* que seus pecados sejam perdoados. Se Deus é um pai como seu pai, então eles *devem* a ele um respeito profundo e contente. Uma das mais importantes maneiras de como moldar as imaginações das crianças é deixar de lado os

2. Por exemplo, *Pastoreando o coração da criança* – Tedd Tripp. São José dos Campos: Editora Fiel, 1998.

padrões mundanos de casamento e família e considerar os padrões que encontramos nas Escrituras tais como em Efésios 5.22, 6.4, Colossenses 3.18–21, e 1 Pedro 3.1–7.

Quando os pregadores fazem declarações sobre as intenções de Satanás em destruir a família, estão corretos. Arruinar a analogia é arruinar a chance da criança de visualizar a realidade suprema corretamente, roubando dela uma visão apropriada das realidades do evangelho. Dar um retrato razoavelmente adequado de quem Deus é, como ele é, o que nos impede de conhecê-lo, e como podemos conhecê-lo, é fornecer, nas palavras de J. Gresham Machen, condições favoráveis para a recepção do evangelho, as quais o Espírito Santo ficará feliz em usar.

4 Rotinas

Outra forte influência na formulação da imaginação da criança é a rotina da família. Deuteronômio 6.7 diz:

Tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te.

Aqui Deus diz a Israel que o ensinar e o falar sobre o amor de Deus, (vers. 4–5) devem acontecer ao sentar em casa, ao andar pelo caminho, ao se deitarem e ao se levantarem. Por um lado, Deus está simplesmente apontando como essa relação de discipulado deve acontecer formal e informalmente, fora e dentro de casa. Mas, por outro lado, as palavras de Deus sugerem o ritmo e a rotina da vida. *Quando estiver sentado em casa* é a hora em que você está em casa; *quando estiver andando pelo caminho* é a hora em que você sai. *Quando se deitar* é a hora em que dorme; *quando se levantar* é a hora em que acorda. Aqui há uma sugestão de um ciclo de eventos, a rotina, o ritmo da vida – levantar-se de manhã, sair, voltar, deitar-se para dormir. Você não deve apenas ensinar sobre o amor de Deus diariamente, mas sua própria rotina deve comunicar algo. Sua rotina diária, semanal, mensal e até anual

ensina a sua família sobre total dependência, total devoção e total amor.

Para o israelita, sua rotina diária envolvia o *Shema* de manhã e à noite. Quando comia suas refeições, sua dieta restritiva o fazia lembrar da diferença entre santo e comum e seus pensamentos se voltavam para Deus. Quando trabalhava a terra, havia leis com relação aos animais, com relação à sementeira, à aragem e à colheita, o que o levava a pensar em Deus. Se ele fizesse algum negócio, havia leis sobre dinheiro e igualdade. Quando chegava em casa, havia leis sobre rituais de limpeza. Uma vez por semana ele precisava parar de trabalhar, por amor a Deus.

E se ele estivesse em algum ponto próximo ao tabernáculo, ou mais tarde, do templo, ele veria uma rotina: uma oferta queimada duas vezes ao dia, e uma oferta de alimentos duas vezes ao dia – uma de manhã e outra de tarde – quando as atividades do dia começavam e quando terminavam. Haveria um sacrifício em todo *Shabbath*, e um sacrifício nas festas da Páscoa, Pentecostes, Dia da Expição e Tabernáculos. Ele deveria ir ao tabernáculo ou ao templo três vezes ao ano.

O que essa rotina lhe comunicava? Deus está no centro da vida. Deus é a realidade suprema, é o único que amamos totalmente, porque ele é a realidade suprema.

Isso é o oposto do secularismo, que tenta marginalizar Deus, relegando-o a uma aparição semanal. O secularismo tem uma rotina diária na qual Deus é invisível e praticamente irrelevante. O secularismo tem uma rotina que sugere que Deus não importa. Muitas crianças crescem em lares cristãos que são praticamente seculares. A rotina não reflete nada da ideia de que Deus é o maior amor da família.

Um cristão do Novo Testamento não vive sob o mesmo

código de um israelita. Jesus nos diz para permanecermos nele, assim como ele permanece em nós. A palavra *permanecer* significa simplesmente habitar, viver. Devemos viver nele: viver em sua presença continuamente. Quando suas palavras permanecem em nós, estamos vivendo perante ele e por causa dele, então nossa rotina deve tê-lo como realidade suprema por trás de tudo que fazemos. Ou Deus está presente em sua rotina quando você se deita, levanta, senta e caminha, ou não está.

Considere seu lar. Como cada dia normalmente começa? Há algo de Deus nele? O dia começa com algum tipo de leitura da Palavra ou oração? Há alguma coisa equivalente ao sacrifício da manhã?

Como são os hábitos à mesa, especialmente no jantar? A quem é dada a honra pela provisão – já que esta é a razão pela qual o papai esteve fora o dia todo – trabalhando duro para que Deus pudesse se alegrar em abençoar o lar com tal provisão? O que é discutido à mesa?

Que tipo de música está tocando normalmente ao fundo? Que tipo de filmes ou programas está normalmente passando na TV? O teor da vida é um de distração ou de reflexão?

Como o dia termina? Há algo de Deus nele? Há talvez algum tipo de culto familiar, oração de agradecimento antes da hora de ir para cama, ou alguma música tocada que honre a Deus? Há algum equivalente do sacrifício da tarde?

Quando chegam os dias de descanso, como fica a rotina? Criticamente, como são os hábitos familiares quando a igreja local se reúne? Alguns pais não entendem o fato de que o culto regular ensina os pequenos corações sobre a própria rotina. Com frequência ouço crentes adultos comentarem que nasceram em lares cristãos e que “não perdiam um só

culto”. Quando um adulto diz isso, normalmente não está se lembrando da pregação ou de outros fatos da adoração corporativa. Ele está se lembrando de um ritmo de vida que demonstrava que Deus era o centro de sua família.

Aquilo que é repetido por diversas vezes é aprendido, memorizado, internalizado, e normalmente, priorizado. Os hábitos do nosso lar se tornam um tipo de ritmo que a criança aprende a acompanhar. Rotinas dizem: *isso é importante. Isso é necessário. Isso é essencial*. Rotinas são o quadro em torno do qual os ciclos da vida giram.

Se quisermos que nossos filhos creiam que a coisa mais importante da vida é uma relação reconciliada com Deus, então precisamos pensar sobre o nosso levantar, sair, entrar e deitar.

5 Rituais

Temos considerado como a piedade dos pais, os papéis no lar e as rotinas são essenciais para moldar a imaginação religiosa das crianças. Agora vamos considerar uma quarta força poderosa que molda. Deuteronômio 6.8–9 diz:

Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas.

É possível que Moisés quisesse que Israel fizesse algo físico, tal como anotar as Escrituras, já que o povo não tinha uma cópia da Lei para si mesmo. Mas, o mais provável era que Deus estivesse dizendo através de Moisés que Israel devia encher seus lares com coisas que servissem como sinais e lembrança de Deus como sendo a suprema realidade. Os lares israelitas deviam ensinar e instruir sobre o amor a Deus não apenas por meio da piedade dos pais, os seus papéis piedosos, sua conduta, uma rotina centrada em Deus, mas também por meio dos rituais.

Os cristãos evangélicos ouvem a palavra *ritual*, e normalmente reagem com suspeita. Para aqueles que valorizam uma

conversão genuína e a piedade, o ritual tem conotação de religião morta, cerimonial vazio ou até mesmo hipocrisia.

O que é uma cerimônia ou ritual? É um evento com significado especial, desempenhado em ocasiões especiais. Casamentos são rituais, cerimônias feitas em ocasiões especiais. Tudo o que fazemos nessa cerimônia tem significado: o modo como a noiva e o noivo estão vestidos, que música é tocada, o que é dito e o uso de anéis simbólicos. Pode-se dizer o mesmo sobre funerais, aniversários, formaturas e inaugurações.

Se você ler o livro de Levítico, descobrirá que o culto a Deus no tabernáculo, e mais tarde, no templo, continha uma elaborada cerimônia. Os levitas seguiam à risca as prescrições de Deus para os vários rituais de purificação e sacrifício. A vida dos israelitas era cheia de leis, rituais e cerimoniais, prescritos e planejados por Deus. Aqui e ali, Deus explicava qual o propósito do ensinamento dos rituais e cerimônias:

Para fazerdes diferença entre o santo e o profano e entre o imundo e o limpo. (Levítico 10.10)

Deus encheu a vida dos israelitas com cerimônias para ajudá-los a ver a diferença entre adoração e egoísmo, entre uma vida vivida apenas para as coisas debaixo do sol e uma vida vivida com uma perspectiva das coisas do alto. Para usar uma linguagem moderna, Deus estava resgatando Israel do ateísmo prático, do que chamaríamos de secularismo prático. Ao adornar a vida com todo tipo de símbolos, Deus estava frequentemente ensinando e lembrando que ele era a realidade suprema.

Além disso, Deus sabia que a cerimônia e o ritual eram uma das ferramentas mais inesquecíveis para ensinar crianças.

Guardai, pois, isto por estatuto para vós outros e para vossos filhos, para sempre. E, uma vez dentro na terra que o SENHOR vos dará, como tem dito, observai este rito. Quando vossos filhos vos perguntarem: Que rito é este? Respondereis: É o sacrifício da Páscoa ao SENHOR, que passou por cima das casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu os egípcios e livrou as nossas casas. Então, o povo se inclinou e adorou. (Êxodo 12.24–27)

Note que Deus prevê que a cerimônia provocará um questionamento por parte da criança. Essa é a ideia. Toda cerimônia bem planejada tem todo tipo de símbolos e procedimentos e costumes significativos. A alegria das crianças é observar e perguntar; a alegria dos pais é explicar.

Inevitavelmente, alguém dirá: “Todo aquele ritual pertencia ao Antigo Testamento. O Novo Testamento está livre de cerimônia e ritual”. Não é verdade. O que é o batismo, senão uma cerimônia, um ritual, no qual usamos um símbolo para expressar um profundo e transcendente significado? O que é a ceia do Senhor, senão um ritual, uma cerimônia, na qual usamos vários símbolos para transmitir um significado especial? De fato, todo culto de domingo é uma cerimônia, na qual lemos as Escrituras, oramos as Escrituras, cantamos as Escrituras e pregamos as Escrituras. Devidamente feita, essa cerimônia moldará profundamente a imaginação das crianças que ainda estão no processo de compreender o evangelho.

Deus não é contra cerimônias e rituais. Ele é contra cerimônias e rituais que apontam unicamente para si mesmos. É contra cerimônias com significados vazios, desempenhadas sem amor, por corações desobedientes. É contra cerimônias que não são bíblicas ou promovem um falso evangelho. É contra adicionar ou subtrair coisas ao culto por ele prescrito.

Quais rituais?

Alguns cristãos têm aceitado, sem saber, um tipo de neoplatonismo, o qual ensinava que o corpo é mau (ou pelo menos inferior e irrelevante) e o espírito é bom. Conseqüentemente, sob o encantamento dessas ideias, assuntos físicos tais como comer, beber, cheirar, provar e tocar são vistos como não-espirituais e carnisais, ou inferiores. Em vez disso, a pessoa *verdadeiramente* espiritual foca em atos como orar e meditar. Se alguém pensa como um neoplatônico, vai torcer o nariz para a ideia de cerimônia. Cerimônias normalmente envolvem visão, olfato, audição e até mesmo paladar.

Essa antipatia em relação à cerimônia representa a verdadeira espiritualidade? Considere isso, quando Deus quer que nos lembremos da morte de Jesus Cristo, o que ele ordena que façamos? Lembramo-nos da morte do Senhor ao comer e beber em uma cerimônia que envolve coisas bem físicas e tangíveis. Quando queremos mostrar que somos discípulos de Cristo, o que fazemos? Somos imersos nas águas em uma cerimônia bem física e tangível que retrata a verdade. Quando nos reunimos para cultuar, cantamos salmos, hinos e canções espirituais, e ao fazermos isso, essa música bem audível ressoa em nossos ouvidos. Deus não é contra o uso de comida, bebida, sensações ou música para nos ensinar e instruir.

Para moldar a imaginação religiosa, a cerimônia, ou ritual, é vívida e memorável. Ela retrata a realidade suprema e invisível. Quando é explicada, ensina, instrui e molda o coração de uma maneira poderosa.

Para nossos propósitos, a aplicação é para os pais cristãos. Que tipo de rituais ou cerimônias nossas crianças devem ver,

e em alguns casos, participar, para que se forneçam analogias da realidade suprema?

Em primeiro lugar, há a cerimônia do encontro do povo de Deus para a adoração corporativa, que a família frequenta. No Antigo Testamento, a Bíblia diz que, quando Israel se reunia corporativamente, “Todos os homens de Judá, com suas mulheres e seus filhos, até os de colo, estavam ali de pé, diante do Senhor” (2Cr 20.13). O culto corporativo é uma cerimônia e ritual para o qual a família deve se preparar, esperar e honrar. Sou extremamente a favor de crianças estarem presente nos cultos, para que vejam os rituais que levantarão questões e incendiarão suas imaginações. (Não sei o que Moisés pensaria a respeito de realizar uma “Páscoa Infantil”).

Mesmo que uma criança não entenda todos os elementos do culto, ela está sendo moldada. A Bíblia antecipou, e até mesmo almejou, uma perplexidade por parte da criança e consequente curiosidade em relação ao culto corporativo. Os questionamentos que surgem são uma grande oportunidade para ensinar.

A cerimônia, para um protestante conservador como eu, não é elaborada. É ler a Palavra, cantar a Palavra, orar a Palavra e pregar a Palavra. No entanto, o senso de maravilha para as crianças vem na forma que se lida com esses elementos. *Como* os homens oram ao se dirigirem a Deus? Como as pessoas cantam – que tipo de canções, que tipo de emoções e reações esses adultos aprovem como adequadas ao se dirigirem a esse Deus invisível? Que tipos de emoções eles buscam despertar em resposta a Deus? Como o pregador proclama a mensagem de Deus aos homens? Se for bem-sucedido, seus filhos observarão o culto ordenado. Isto é, verão reações e proclamações de Deus que correspondem ao que ele é nas

Escrituras. Isso moldará fortemente o modo como eles imaginam que Deus seja, antes mesmo que aceitem o evangelho. Se eles imaginam Deus como um terapeuta, um namorado, um vovô, uma estrela do rock – por causa do tipo de música e oração oferecida a ele no culto corporativo – isso moldará sua visão do que é o evangelho.

Além do que é publicamente orado, pregado ou cantado, a conduta dos pais com relação à cerimônia também fala muito. Ela pinta um quadro por si só. Se o culto corporativo é levado bastante a sério e considerado como sendo especial, isso possibilita que a criança distinga entre o que é santo e o que é comum. Elas reconhecem Deus como santo, majestoso e que deve ser totalmente amado.

Vamos supor que eu não creia nisso. Digamos que eu queira comunicar ao meu filho que o culto de domingo é algo trivial, banal, ou que não há nada de transcendente ou majestoso acontecendo. Como posso comunicar isso ao meu filho? Se eu quiser que ele pense que o culto de domingo não é em nada diferente do resto das atividades que acontecem na segunda, quinta ou sexta, então uma das maneiras de se conseguir isso é vesti-lo como em qualquer outro dia. Se a cerimônia do culto de domingo é tão comum quanto qualquer outro dia, então eu preciso ter certeza que a criança sente isso e certamente me vestiria da mesma forma que me visto nos outros dias. Mas, se eu quisesse que ela pense no dia do Senhor como algo singular e diferente e que a adoração é algo sagrado, e não ordinário, vou usar uma coisa bem tangível e física como roupas para ajudar a comunicar essa mensagem. Mas, aí vem a objeção: “Isso me parece legalismo. Deus olha para o coração, viu?”. Sim, mas o físico afeta o espiritual. Se

quiser que seu filho sinta por dentro que esse evento é banal, então o vista desse modo por fora.

Somos gratos porque a Reforma lidou com as distinções entre falso sagrado e secular. Mas, em vez de consagrar toda a vida a Deus, alguns entenderam que o culto deveria parecer tão comum e mundano quanto qualquer outra atividade. Seus esforços não elevam a vida normal a um estado de consagração; pelo contrário, eles corrompem tudo. Em vez de um senso profundo de realidade permeando o culto, resultam em um profundo senso de cotidianidade. Em vez de encherem a igreja com sinceridade, encham com o que é comum. A vida não se torna elevada e consagrada; o culto é que se torna previsível, rotineiro e ordinário. O senso de espanto e reverência é perdido e sobra apenas a pequena consolação que “somos tão verdadeiros no nosso culto”.

Quando estamos nos dirigindo para o culto, precisamos ajudar nossos filhos a entenderem que estamos fazendo algo importante, alegre e sério. Isso significa que precisamos sentar quietos e prestar atenção. Isso é o que diríamos a eles se estivéssemos na Suprema Corte, ou em um funeral, ou em uma comemoração militar. Se quisermos que nossos filhos não levem o culto a sério, então devemos deixá-los agir como se estivessem no McDonald's.

E o que dizer do que fazemos antes do culto? Se quisermos comunicar o quão especial esse dia é, começamos a nos preparar para ele bem antes. Aprontamos as coisas no sábado à noite, porque não queremos apenas evitar a correria do domingo de manhã, mas também comunicar que “amanhã é o *dia* do Senhor”. Por isso, nos preparamos antes.

Depois do culto, podemos usar a refeição que se segue para discutirmos o que aprendemos sobre Deus no culto

corporativo daquele dia. Se, quando o culto termina, ligamos a televisão ou pegamos o PlayStation, a mensagem que passamos é que nos livramos do culto para continuar fazendo o que nos interessa. Mas se, depois do culto, falamos sobre a Palavra, comunicamos que adoramos a Deus junto com seu povo e isso nos afetou. Ele é a nossa devoção máxima. Como usamos o resto do tempo juntos, comunica muito, principalmente quando continuamos a dizer que aquele é o *dia* do Senhor, e não apenas a *manhã* ou a *noite* do Senhor.

De um modo grande ou pequeno, o culto de domingo está moldando a imaginação religiosa dos nossos filhos. O que fazemos antes e depois do culto, como adoramos, como o abordamos, como nos sentamos, cantamos, conversamos no carro durante a ida e a volta – tudo isso diz à criança como devemos imaginar Deus.

Uma segunda cerimônia que precisamos incorporar em nossas vidas é o culto doméstico. O culto doméstico não precisa ser elaborado; precisa ser sincero e bem pensado. É um tempo familiar, preferencialmente feito todos os dias, mas que na prática pode acontecer algumas vezes durante a semana, no qual toda a família se reúne e o pai lidera lendo a Palavra, explicando-a, ajudando sua família a entendê-la, praticá-la, e se voltar a Deus através da oração, ou uma canção. Outro ritual ou cerimônia que pode se associar ao culto doméstico é a refeição feita à mesa. Nas Escrituras, a mesa é o lugar de comunhão, o lugar de honrar aqueles que amamos, o lugar de sacrifício e serviço, e o lugar de instrução. Não é interessante o quão frequentemente Deus nos instrui e nos ensina sobre seu amor, enquanto partilhamos uma refeição?

As refeições à mesa devem ser uma cerimônia diária para nós. Nós as começamos com uma oração. Comemos juntos.

Falamos sobre nosso dia, suas bênçãos, seus desafios, ou suas lições. Rimos juntos, aprendemos e nos regozijamos uns com os outros. A mesa é um lugar muito útil para o pai, se ele está presente, para relacionar a vida a Deus, falar de suas obras, seus caminhos. Quando uma refeição à mesa é um evento belo e inesquecível, se torna um dos mais fortes rituais que inculcam o amor de Deus no coração da família.

No entanto, o sofá em frente à TV está rapidamente substituindo a mesa de jantar. A televisão é o único interlocutor durante as refeições, enquanto todos mastigam silenciosamente, fitando a caixa. Pais, resgatem a mesa de jantar. Resgatem um tempo para o culto doméstico.

Um terceiro tipo de cerimônia ou ritual, ou tradição pode ser aqueles que desenvolvemos em torno dos feriados cristãos. Sim, não há nenhuma ordenança para que os crentes celebrem o Natal, Sexta-feira da Paixão ou a Ascensão de Cristo, mas que ótimas oportunidades são esses feriados!

Quaisquer que sejam suas convicções sobre as celebrações do Natal ou Páscoa, você deveria considerar usar esses dias como uma oportunidade para desenvolver suas próprias cerimônias do lar que ensinem sobre as verdades representadas por esses dias. Lembre-se, Deus nos deu este padrão nas Escrituras. Entendemos a realidade suprema através de símbolos e se podemos provar, tocar, cheirar, ver e ouvir esses símbolos, eles se tornam ainda mais inesquecíveis.

Em seu lar, quais ações simbólicas honrarão a ressurreição de nosso Senhor e marcarão esse dia com significância? No Natal, o que vocês fazem para celebrar a encarnação de Jesus Cristo? O que as cerimônias da Sexta-feira Santa, da Páscoa, isto é, do domingo da ressurreição comunicam em seu lar? Apenas outro dia qualquer? Um dia para mais comida? Um

dia para autoindulgência? Um dia para ver familiares distantes? Ou podemos simbolizar de uma maneira inesquecível as verdades desses dias para que amar a Deus esteja de novo nos umbrais de nossas portas?³

Um quarto tipo de cerimônia seria aquele tipo que você desenvolve como família para marcar dias especiais ou eventos que ilustram ou ensinam Deus como realidade suprema. *Formando cavaleiros para os dias de hoje*⁴ é um livro que contém algumas sugestões cristocêntricas, úteis para resgatar a cerimônia na vida do jovem que está se tornando adulto – são cerimônias para aniversários, adolescência, formatura, pactos de pureza, noivado, e assim por diante.

Não rejeite toda a ideia da cerimônia, tornando a vida um marasmo inosso. Se Deus desenvolveu rituais e cerimônias na vida de Israel no Antigo Testamento, se ele continuou a fazê-lo nos crentes do Novo Testamento através do batismo, da ceia do Senhor e do culto, então temos todo o precedente que precisamos para rituais e cerimônias familiares que inscrevam o amor de Deus nos umbrais de nossas portas. Precisamos desses símbolos que ensinam a verdade tão vívida, poderosa e inesquecivelmente.

A dificuldade é que cerimônias significativas dão trabalho. Organizar um culto com beleza, unidade e significado demanda um grande esforço. Desenvolver devocionais familiares bem pensados e regulares demanda um contínuo empenho. Dá trabalho planejar atividades e tradições associadas aos eventos bíblicos. Cerimônias são custosas quando são bem-feitas. Mas quando são belas e inesquecíveis, tornam-se

3. Para mais sugestões, veja *Treasuring God in Our Traditions*, de Noel Piper.

4. Lewis, R. São Paulo: Editora UDF, 2011.

poderosas ferramentas para moldar a imaginação religiosa dos nossos filhos.

Outra forma de ritual merece seu próprio capítulo: os rituais diários por nós chamados de *boas maneiras*.

6 Boas maneiras

Quase todas as pessoas têm alguma história sobre a falta de educação das crianças de hoje. Um monstrinho mal-educado no restaurante cujos pais se parecem com criados tentando aplacar a ira do príncipe ou princesa, crianças insolentes que não sabem nem receber os adultos (muito menos se colocar de pé na presença deles ou oferecer seus próprios lugares para eles), moleques exigentes que anunciam seu descontentamento e desprezo em qualquer situação, humilhando seus pais, salas de aula fora de controle, comportamentos de vândalos na casa dos outros – essas histórias têm se tornado tão comum.

Já deveríamos esperar por isso. Quando o secularismo toma posse da imaginação das pessoas, devemos esperar que as boas maneiras entrem em declínio ou desapareçam por completo. As boas maneiras vêm de uma cosmovisão sobrenaturalista, não de uma secular. E à medida que o secularismo se espalha, as boas maneiras têm cada vez menos lugar. Considere três funções não seculares das boas maneiras.

Primeiro, as boas maneiras fazem distinção entre posição, ordem, ofício, status, idade e gênero. As boas maneiras tratam senhoras como senhoras, adultos como adultos, idosos como

idosos, magistrados como magistrados e assim por diante. As boas maneiras declaram que pessoas são mais do que grandes pedaços de protoplasma evoluídos, mais do que macacos de calças. Podemos até ser espiritualmente iguais uns aos outros, ou iguais perante a lei, mas nossas diferentes vocações, idades e experiências exigem diferentes reações. Como Pedro diz: “Tratai todos com honra, amai os irmãos, temei a Deus, honrai o rei” (1Pe 2.17). Paulo afirma: “Pagai a todos o que lhes é devido: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem respeito, respeito; a quem honra, honra” (Rm 13.7). O secularismo busca nivelar essas distinções, explicando-as somente em termos de funções sociais. Uma cosmovisão sobrenaturalista vê essas diferenças como reflexos do plano de Deus, e honrá-las é conhecê-lo.

Segundo, as boas maneiras revestem a vida de significado espiritual. Elas nos distinguem de meros animais e demonstram a natureza transcendente de nossa existência. Boas maneiras tornam refeições em algo mais do que sustento, sexo mais do que cópula, roupagem mais do que cobertura, discurso mais do que grunhidos avançados. As boas maneiras dão uma roupagem de etiqueta e cerimônia ao material. Nós nos distanciamos de bestas do campo ao mostrarmos educação à mesa, modéstia ao nos vestir, respeito ao que pertence aos outros, cavalheirismo, a paciência de esperar pela nossa vez, etc. Vestimos os nossos apetites físicos com um pouco de decoro, transformando o significado desses atos em algo mais do que mera sobrevivência e procriação.

Terceiro, ao fazer essas distinções e encher pessoas, lugares e coisas com significados espirituais, estamos fazendo julgamentos de valores. Os cristãos creem que há uma ordem transcendente que resulta em uma escala de valores: algumas

coisas ou pessoas *merecem* certo tipo de tratamento. Algumas pessoas e coisas *devem* ser respeitadas. Alguns gestos ou hábitos *são* ofensivos. Algumas coisas *são* obscenas. As boas maneiras designam certos modos, atitudes e reações como apropriadas, ou ordenadas, às respectivas pessoas, lugares ou coisas. Dizer que algo ou alguém merece um sentimento ou afeição específico é crer que o verdadeiro, o bom e o belo são realidades.

Uma criança sem boas maneiras começa a perder o sentido de significado. Sem o conhecimento de que idade, posição, ofício ou posto representam verdadeiras diferenças na realidade, ela aprende a destruir todas as distinções. Todas as coisas e pessoas são iguais. Sua única distinção é a importância relativa de atender suas próprias necessidades.

Logo, um senso de transcendência desaparece e é substituído pelo senso de que todas as regras são arbitrárias e devem ser observadas apenas para poder avançar no mundo. Como se não bastasse o fato nocivo dela ser repetidamente chamada de macaco evoluído, ela também aprende que as boas maneiras são simples convenções arbitrárias. Sua imaturidade já se delicia em ignorar as convenções, mas quando suas autoridades lhe dizem (ou demonstram) que as boas maneiras são apenas bajulações, ela desdenhará delas com gosto e com autoconfiança. As únicas boas maneiras às quais ela reterá serão simples delicadezas para agraciar as pessoas as quais ela quer usar.

Finalmente, todas as possibilidades de afeições ordenadas para com Deus são perdidas. Todo o senso de gestos e reações condizentes se vão; seu único padrão para julgar o que é apropriado é o quão bem ou familiar tal coisa o faz sentir. A criança nasceu idólatra, mas agora ela será isto e mais nada,

pois decidirá por conta própria como quer se sentir com relação a Deus. Estabelecerá um deus à sua própria imagem, o adorará com emoções e gestos que a fazem sentir confortável e parabenizará a si mesma por sua própria piedade.

Por essas razões, as boas maneiras são indispensáveis para inculcar a imaginação cristã em nossos filhos. Eles precisam saber que a vida é um símbolo para as realidades supremas, que nossa existência física não é de forma alguma a suma de nossa existência e coisas tais como afeições ordenadas e não-ordenadas, com relação a Deus, ao mundo e a si mesmos, são reais.

Deus queria que os pais hebreus inculcassem boas maneiras em seus filhos, sabendo que elas levariam a um temor do Senhor. Considere essas passagens:

Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o SENHOR, teu Deus, te dá. (Êxodo 20.12)

Cada um respeitará a sua mãe e o seu pai e guardará os meus sábados. Eu sou o SENHOR, vosso Deus. (Levítico 19.3)

Diante das câs te levantarás, e honrarás a presença do ancião, e temerás o teu Deus. Eu sou o SENHOR. (Levítico 19.32)

O SENHOR levantará contra ti uma nação de longe, da extremidade da terra virá, como o voo impetuoso da águia, nação cuja língua não entenderás; nação feroz de rosto, que não respeitará ao velho, nem se apiedará do moço. (Deuteronômio 28.49–50)

Os olhos de quem zomba do pai ou de quem despreza a obediência à sua mãe, corvos no ribeiro os arrancarão e pelos pintãos da águia serão comidos. (Provérbios 30.17)

Não só isso, haviam também formas adequadas de se vestir, maneiras adequadas de se comer, de tratar o que pertencia a outra pessoa. De alguma forma, as distinções entre o puro e impuro ajudavam a imaginação israelita na compreensão do conceito de *adequação*, de que maneira assuntos físicos podiam representar verdades espirituais e como todas as coisas deveriam ser ordenadas pela Palavra de Deus.

As boas maneiras no Novo Testamento

Filhos, obedeei a vossos pais no Senhor, pois isto é justo. Honra a teu pai e a tua mãe (que é o primeiro mandamento com promessa), para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra. (Efésios 6.1-3)

As crianças aqui são ensinadas a não só obedecerem aos pais, mas também honrá-los. *Honrar* pai e mãe é mais do que se sujeitar às suas ordens. É demonstrar com ações e atitudes que eles ocupam um lugar de peso significativo em sua vida, e que você dá a eles um lugar de tratamento especial. Títulos de respeito, maneiras respeitosas de se dirigir a eles, expressões de gratidão, submissão alegre, reações a ordens, tudo isso os ajudará a concretizar a ideia de *honra*. Desde o princípio, os pais deveriam ajudar seus filhos a entenderem que isso os auxiliará a compreender o que é temer a Deus, o que é a reverência e o respeito diante de Deus. Afinal, se você é grosseiro com os homens, os quais consegue ver, como poderá mostrar respeito para com Deus, o qual você não vê?

Ao encher a vida de uma criança com boas maneiras, os pais não estão tentando ensinar seus filhos a dominarem os trejeitos pretenciosos do esnobismo. Eles estão moldando a imaginação da criança para que entendam afeição ordenada.

Os pais deveriam prestar atenção ao ensino de cortesias para com adultos, uso de títulos e tons de voz de respeito, expressões de gratidão, uso de palavras educadas, boas maneiras à mesa, o tratar com educação de convidados ou anfitriões, respeito pelo que pertence aos outros, respeito à bandeira, asseio, cavalheirismo para com o sexo oposto, idosos ou enfermos, e tantas outras maneiras de expressão de amor e respeito para com o próximo.

Se fizermos isso apenas com o intuito de que nossos filhos sejam elogiados por suas maneiras, não estaremos fazendo muito por sua imaginação. Mas, se ajudarmos nossos filhos a pensar sobre o significado, ocasião, posição, estado e reações adequadas para com Deus e os homens, estaremos dando a eles uma cosmovisão bíblica.

7 Artes

Quando se trata de moldar a imaginação da criança – aquela parte dela que compreenderá a realidade suprema – nada é mais crucial do que as artes. A música, poesia, literatura, artes plásticas e o teatro alcançam a imaginação diretamente e a moldam profundamente.

Infelizmente, muitos pais cristãos têm um conceito de arte extremamente secular. Primeiro, as artes são vistas principalmente como entretenimento, ou formas de distração. Música é o que você ouve para “ficar de boa”, filme é para espantar o estresse no final do dia e os livros são passatempos agradáveis. Com essa visão, o que a maioria dos pais cristãos fazem é assegurar que essas distrações não contenham nudez, obscenidade ou violência em excesso.

Segundo, as artes são vistas como emblemas de fineza. Tocar um instrumento, ler os clássicos, recitar boa poesia, são sinais de a criança é “cult”, e dá à maioria dos pais o prazer da autocongratulação. Essas duas ideias sobre artes surgem de uma cosmovisão completamente secular, na qual as artes não contêm significados relevantes em si mesmas, nem possuem o poder de moldar o entendimento. São simplesmente funcionais: fornecem distração, fornecem distinção.

Em contraste, há a visão autenticamente cristã das artes. Nessa visão, as artes são formativas, não apenas do amor da pessoa pelas artes propriamente ditas, mas da sua própria cosmovisão. Uma cosmovisão cristã, uma sensibilidade cristã, é fortemente moldada pela arte que surge de tal disposição cristã (e, acrescento, adequadamente compreendida dentro dessa linha de compreensão). A imaginação cristã que fornece uma interpretação correta dos “fatos bíblicos” é moldada por formas artísticas não-discursivas em si mesmas. Antes e atrás da cognição está a afeição, moldada pela imaginação. Como se precisássemos defender o porquê das artes serem essenciais para a imaginação cristã como a descrevemos, deixe-me simplesmente listar três razões.

Primeiro, as artes são analógicas por natureza. Já dissemos que a imaginação entende o mundo por comparação, contrastando ou fazendo analogias com as experiências sensoriais que vêm a ele. Essa questão da analogia é o recurso peculiar das artes. Vários elementos da arte se combinam para abstrair alguma ideia e daí fornecer uma analogia. A música, pintura, poesia, ou história usam seus vários elementos para tirar alguma ideia e dizer: “Isso é como aquilo”. A boa arte nos fornece um senso de proporção: o artista sente a ideia de tal modo e recria essa experiência para nós. Em outras palavras, o artista nos sugere, através do seu trabalho, como deveríamos reagir a tal ideia, e o que essa ideia merece.

As artes trabalham, na maioria das vezes, no abstrato: elas não nos dão ideias concretas como, por exemplo, o censo da população ou o manual de conserto do carro. Mesmo assim, elas realmente nos dão ideias e moldam as reações do nosso coração quanto a elas. As artes alcançam a imaginação direta e mais poderosamente do que a lógica ou a razão jamais a

alcançarão. Se quiser que seu filho tenha uma correta relação com Deus e sua Palavra, as artes fornecem muito dessa disposição pré-cognitiva.

Segundo, as artes são essenciais para se conhecer as realidades transcendentais. O universo não é um simples conjunto de realidades físicas. Nós, cristãos, acreditamos que existem realidades morais. Isso é, cremos na existência da verdade. Cremos que no universo de Deus existe o bem e o oposto. Juntamente com isso, cremos na existência da beleza. A glória de Deus é a quintessência da beleza, como muitas passagens bíblicas atestam. Se o objetivo da nossa vida é glorificar a Deus, podemos dizer sem hesitar que reconhecer a beleza é tão importante quanto reconhecer a verdade e a bondade. Tão certo quanto queremos que nossos filhos sejam capazes de julgar se uma proposição é verdadeira ou falsa, também queremos que julguem se algo é belo ou feio. Nem tampouco podem o verdadeiro, o bom e o belo serem facilmente separados uns dos outros. Reconhecer a beleza é fundamental para se conhecer de verdade o bom Deus. Bons homens não amam o que é feio. Amantes da verdade consideram a beleza como boa em si mesma. Um uso correto das artes é fundamental para o conhecimento dos três transcendentais.

Até mesmo os descrentes reconhecem que as artes são, talvez, a nossa ligação mais forte e direta com o transcendente. O verdadeiro, o bom e o belo não são fatos que colecionamos em um tubo de ensaio; são realidades atrás dos átomos que compõem nosso universo. São as realidades transcendentais acima, atrás e adiante da realidade imanente. As artes nos conectam a essas realidades e nos ensinam sobre as reações ordenadas para com essas realidades. Rejeitar ou violar as artes é confinar-nos a meras realidades físicas e nos tornarmos o que

Lewis chama de “macacos de calças”. Se nossos filhos não entendem as artes como Deus as deu, eles sofrerão o destino de muitos cristãos que tentam ater-se à sua fé caçando “fatos bíblicos” melhores e mais claros, enquanto sua imaginação tende cada vez mais para um antissobrenaturalismo.

Terceiro, o próprio Deus nos deu sua Palavra de uma forma artística. Deus poderia ter dado sua Palavra em forma de manual técnico ou de uma longa lista de imperativos. Mas em vez disso, a própria Bíblia é a obra-prima da imaginação. A Bíblia é uma obra de arte, no sentido literal do termo. Quase um terço dela é poesia, escrita por gênios da poesia tais como Isaías, Davi e Jeremias. Outra grande parte é narrativa, redigida e editada de uma maneira precisa para traçar o relato comovente e fascinante da história da glória de Deus. Os livros apocalípticos abundam em imagens, na maioria aterrozantes, que é o oposto de uma palestra chata. Até mesmo os livros da Lei estão saturados de cerimônias e rituais ricos em tipologia e imagens. A pequena seção de literatura epistolar é o que mais se aproxima do discursivo, mas mesmo aí a linguagem é repleta de imagens, metáforas e símbolos: justificação, redenção, propiciação, santificação, e por aí adiante. Se Deus escolheu nos dar sua Palavra dessa forma, o que isso nos diz sobre a importância das artes? Se as imaginações artísticas de nossos filhos são vagas, eles certamente estarão em desvantagem ao pegar nas Escrituras. Realmente, toda a beleza da Palavra poderá passar despercebida por eles, que estarão tentando chegar aos “fatos”, como se eles existissem separados da forma em que a Palavra lhes é apresentada. Se cremos que as Escrituras são onde Deus se revela a nós, e que elas vêm a nós de uma forma artística, é crucial que nossos filhos entendam as artes para seu próprio entendimento da Palavra de Deus.

Poderíamos adicionar a isso o fato de que Deus ordenou o uso das artes na adoração e que é na adoração que conhecemos a Deus corretamente. Se não tiverem uma compreensão competente das artes, como nossos filhos saberão se suas reações a Deus são ordenadas?

Os pais precisam entender que as artes não são decorativas. Elas são essenciais para o conhecimento das realidades transcendentais. Consideremos algumas realidades. E se a compreensão de literatura de seu filho não só determinar se ele gosta de Defoe ou Dickens, mas também se ele ama a História: as Boas Novas? E se seu gosto por Shakespeare, Herbert, Donne não for apenas uma questão de apreciar os melhores poemas da Inglaterra, mas de afetar sua habilidade de se deleitar com as canções de Sião? E se a sua dedicação ao violino, além de qualificá-lo a entrar na universidade de música, afetar sua entrada no céu?

Música

Moldar a imaginação religiosa da criança significa ensiná-la a corretamente entender, usar e julgar as artes. Para um pai cristão, a música está no topo da lista das artes a serem ensinadas. A música é exigida na adoração (Ef 5.19; Cl 3.16), recomendada na adoração (Sl 150), e, de todas as artes, talvez seja a que possua o maior poder de moldar as afeições e transformar a imaginação.

Como um pai deveria abordar o ensino dessa poderosa arte imaginativa? No livro *Who Needs Classical Music?*⁵, uma obra curta, mas densa, o autor Julian Johnson argumenta persuasivamente que grande parte do problema de se julgar o

5. Nova York, NY: Oxford University Press, 2002.

significado da música é a forma que a usamos hoje: como algo que muda o humor, um som ambiente ou música de fundo ou símbolo da moda. Quando vemos e usamos a música dessa forma, a esvaziamos de seu significado e destruimos sua habilidade de nos transformar. A música usada dessa forma pode apenas refletir nossos atuais preconceitos. Ela se torna um apoio ao narcisismo e uma idolatria de aparências superficiais.

Música séria, música arte, ou música “clássica”, se preferir, resiste a esse tratamento por causa da sua forma. Há várias tentativas atualmente de se adequá-la ao mundo pop, mas não tem havido muito sucesso, a menos que seja tirada do contexto, remoldada e tocada por uma violinista sedutora e seminua.

Um dos nossos objetivos como pais é ajudar nossos filhos a julgar a música por ela mesma, por sua beleza, sua forma e as ideias que tenta nos passar. Eles certamente falharão nessa tarefa se nossa cultura do uso da música como um dispositivo sônico antidepressivo for também a deles. Como podemos resistir a esse ímpeto cultural?

Primeiro, cada um de nossos filhos deveria aprender um instrumento o mais cedo possível e até que se torne competente. Nós não deixamos que a leitura ou a matemática sejam assuntos opcionais para eles e, já que esperamos que eles sejam membros maduros que obedecem a Efésios 5.19, a alfabetização musical deve ser compulsória. Aprender um instrumento é essencial para fundamentar a criança na gramática e dialética da música. Já que somos comandados a cantar salmos, hinos e cânticos espirituais, nosso objetivo deve ser que nossos filhos saibam ler as partituras no hinário.

Segundo, devemos expor nossos filhos a ferramentas pedagógicas que os auxiliem a ouvir atentamente ótimas músicas. A obra “*Children’s Classics*” (Clássicos infantis) de Leonard

Bernstein apresenta à criança obras tais como *Pedro e o lobo*, *O carnaval dos animais*, e o *Young Person's Guide to the Orchestra* (*O guia de orquestra para jovens*) e pode ser muito útil aqui.

Terceiro, se vamos ensiná-los a ouvir e julgar a música por ela mesma, devemos separar um tempo para fazer nada além do que ouvir e experimentar música séria. Se a música clássica simplesmente é tocada como música de fundo, estamos ensinando nossos filhos a considerá-la como um elegante papel de parede musical, possuindo o mesmo valor arbitrário normalmente atribuído à música popular. Já que poucos de nós temos poder de concentração suficiente para ouvir um palestrante por mais de uma hora, pode ser uma boa ideia comprar DVDs de orquestras tocando grandes obras ou assisti-las online. Se possível, seria ótimo ir a um concerto. Mesmo ainda bem pequenos, podemos perguntar às crianças: “Essa música é triste ou alegre?”, “O que devemos sentir quando ouvimos isso?”, “Que retrato ele está pintando para nós?” – um começo humilde talvez, mas estaremos direcionando eles a pensar junto com a música. Quanto mais velhos ficarem, mais sofisticadas poderão ser as críticas.

Quarto, nem precisaríamos dizer que queremos que nossos filhos se familiarizem tanto com as tradições da música ocidental quanto da igreja. Embora tenham pela frente uma vida inteira para experimentar essas obras, queremos que eles se tornem cada vez mais familiarizados com os diálogos musicais que ocorreram ao longo de centenas de anos. Isso significa ensiná-los também sobre a história da música e da hinologia, pois a arte apenas faz sentido dentro de uma tradição. Se nossos filhos não entendem como a música se desenvolveu, não entenderão o diálogo. E isso é um problema quando compositores se opõem deliberadamente à visão cristã da realidade.

E, finalmente, uma palavra sobre a música que seus filhos ouvirão na igreja. Se possível, evite igrejas em que a música tocada sugira que conhecer a Deus é como um espetáculo de patinação no gelo, um cruzeiro pelo Danúbio Azul, ou em que a volta de Jesus é ansiosamente esperada ao som de uma valsa. Evite igrejas onde a música lembre os *saloons* do velho oeste antes do xerife entrar e acabar com a festa. Evite igrejas onde as canções a Deus poderiam fazer parte de um CD de cantigas infantis, ou de animações da Disney, ou funcionar como música de elevador. Evite igrejas onde a música do louvor poderia ser útil tanto para patinadores, quanto terapeutas de brincadeira ou crianças que dão trabalho para dormir. Evite igrejas onde a música soe como uma mistura pobre de bandinha de garagem, *Legião Urbana* e amadores aspirantes a *U2*. Evite igrejas onde a música provoque contorções faciais naqueles que a cantam. Evite igrejas onde as pessoas batam cabelo, dedilhem guitarras imaginárias, aplaudam a si mesmas, vão e assoviem a cada canção. Evite igrejas onde a música parece fazer com que as pessoas entrem em um estado de transe e começam a usar os braços e mãos de modo estranho e atípico. Evite igrejas onde as canções cantadas na Escola Bíblica Dominical poderiam envergonhar até o dinosauro Barney com tanta idiotice e dar às crianças a ideia de que louvar a Deus é uma mistura de hiperatividade física, comédia pastelão, e uma exposição dos impulsos mais juvenis e ridículos latentes no ser humano. Eu sei que isso reduz em muito suas escolhas e algumas coisas podem estar além de seu controle. Contudo, se conseguir encontrar essa rara exceção, onde a música auxilia a formar a afeição ordenada, você estará contribuindo extremamente para a visão de Deus de seu filho.

Poesia

A poesia, assim como a música, apela às emoções e, da mesma forma, a poesia bela e corretamente ordenada pode acostumar ou treinar a alma para o tipo correto de movimento interno. Familiaridade com a boa poesia encorajará as crianças a amarem o bem, a esperarem por sua vitória, e se entristecerem com o seu fim. O costume oposto é muito claro ao se ver crianças que assistem ou leem histórias nas quais o grotesco é valorizado. Elas não mais se chocam com o que é realmente repugnante. Isso é uma grande perda para a alma.

—Laura M. Berquist⁶

Para um povo que possui um terço da Bíblia escrita em poesia, os cristãos se mostram surpreendentemente desdenhosos da poesia. Aproveitando a deixa da cultura de massa, muitos cristãos encontram com ela apenas em lugares estranhos: no mundo sem sentido das cantigas de roda, nas letras das canções populares, ou como floreio no final de um discurso, filme ou tributo fúnebre. Eles reconhecem que a poesia existe na Bíblia, em seus hinos e canções, mas essas de alguma forma assumem um uso especial e funcional que as difere das “outras poesias”. São raros os cristãos ocidentais que veem a poesia como enobrecedora, formativa e vital para moldar a imaginação moral.

Já mencionamos antes que muito da Palavra de Deus está na forma poética. A poesia fornece analogias que expõem nossos filhos às realidades transcendentais e transmitem afeições corretas em relação a essas realidades. A poesia “encorajará as

6. *The Harp & Laurel Wreath* (San Francisco: Igantius Press, 1999), p. 9.

crianças a amarem o bem, a esperarem por sua vitória, e a se entristecerem com seu fim”.⁷

Laura Berquist, citada acima, escreve: “A poesia é uma das formas de beleza relativamente acessível às crianças. As crianças reagem a padrões de som e apreciam o ritmo da poesia, quando são introduzidas a ela antes que alguém diga que não deveriam gostar dela”.⁸ Já que muito da Palavra de Deus é poesia, os pais cristãos devem se esforçar para combater a ideia de que ela é chata, “coisa de menina”, ou pretenciosa.

Como em nossa discussão sobre música, há passos que os pais podem dar para prepararem seus filhos a amar a poesia de forma duradoura e conduzi-los à poesia bíblica. Na idade a qual estamos falando, a abordagem que deveríamos ter é expor nossos filhos à boa poesia. Aqui e acolá, poderemos mostrar a eles a poesia ruim, banal ou inútil. Não precisaremos procurar muito por ela; as musiquinhas da escola dominical moderna normalmente são uma coleção desse tipo.

Primeiro, já que as crianças normalmente gostam de cantar e fazer rimas, os pais podem tirar vantagem disso e ensiná-las a memorizar canções e poemas simples. O livro de Berquist contém vários poemas de poetas tais como Robert Louis Stevenson, A.A. Milne e G. K. Chesterton que as crianças podem memorizar.

Segundo, nossos filhos podem aprender simples poemas de adoração. E é aqui que nossa ignorância sobre poesia tem nos arruinado. Os pais, e muitos pastores, confundem a ideia de uma canção simples com a ideia de uma canção banal. Canções que são banais nas metáforas, cômicas na métrica, e ridículas no conteúdo, são vistas como “apropriadas para a

7. *The Harp and Laurel Wreath*, p. 9

8. *Ibidem*, p. 8.

idade”. Parece que perdemos a capacidade de julgar entre um simples, mas útil poema como *Cristo tem amor por mim*, e um sem sentido como *Fervendo, pulando*.

Não quero manchar este capítulo com exemplos de musiquinhas bobas de escola dominical. Sua mente talvez já esteja manchada o suficiente pela longa exposição a elas. Em vez disso, considere alguns poemas infantis escritos por Isaac Watts e Charles Wesley. Veja como dois mestres puderam combinar simplicidade e profundidade, ensinando sem banalidade.

Duty to God and our neighbour — Isaac Watts

*Love God with all your soul and
strength
With all your heart and mind;
And love your neighbours as
yourself:
Be faithful, just and kind.*

*Ame a Deus com toda sua alma
e força.
Com todo seu coração e mente.
E ame seu próximo como a si
mesmo,
Seja fiel, justo e bondoso.*

Hosanna — Isaac Watts

*To God the Father, God the Son
And God the Spirit, Three in One
Be Honour, Praise and Glory
Giv'n
By all on Earth and All in
Heaven*

*A Deus o Pai, Deus o Filho
E Deus Espírito, Três em Um
Sejam dados a Honra, o Louvor
e a Glória
Por todos na Terra e Todos no
Céu.*

Hino XXXVI — Charles Wesley

*Children have a right to sing
Praises to their Infant-king
Tell how Christ the holy child
God and man hath reconcil'd.*

*As crianças têm direito de cantar
Louvores ao seu infante Rei
Contar como Cristo, a santa
criança
Homem e Deus reconciliou.*

Tradução livre dos trechos dos poemas acima citados (N.T.)

Aqui é onde podemos ajudar até os mais jovens a julgarem sabiamente. Quando eles se depararem com uma canção boba, uma trovinha para Jesus ou alguma bobagem considerada adequada para sua idade, podemos perguntar-lhes: “Como esse poema nos faz sentir? É dessa maneira que deveríamos sentir para com Deus? É correto comparar Jesus a isso? Onde essa canção seria mais adequada?”. Exponha-os ao que é bom; ridicularize o que é mau. Sim, queremos que nossos filhos tenham um forte e saudável desdém pela poesia feia e inútil, especialmente aquela que profana o nome de Deus. Queremos que as metáforas, a métrica e as rimas da boa poesia estejam encravadas em suas imaginações antes mesmo que venham a entender o porquê delas serem verdadeiras, boas e belas.

Terceiro, até crianças bem pequenas podem aprender as estrofes de certos hinos. Alguns dos hinos que as crianças podem rapidamente memorizar são *Santo! Santo! Santo!, Cantemos os louvores, Vós, criaturas de Deus Pai, A Deus, o Pai e benfeitor e Finda-se este dia*⁹. As melodias desses hinos ajudam a memorização, além de conterem exatamente o tipo de poesia com a qual almejamos permear a imaginação de nossos filhos.

Literatura

Quando discutimos a imaginação cristã, as pessoas tendem a pensar em fantasia, livros paradidáticos e filmes. Os pais que concordam que a imaginação deve ser moldada, com frequência pensam em duas direções: limitar e cortar o elemento SNVL (Sexo – Nudez – Violência – Linguagem) e encontrar histórias que pareçam pregar o cristianismo (bons temas cristãos).

9. Estes hinos podem ser encontrados no *Hinário para o culto cristão*, Rio de Janeiro: Juerp, 1992 (hinos 2, 27, 224, 238 e 269).

Se moldarmos as imaginações moral e religiosa de nossos filhos para que estejam favoravelmente dispostos ao evangelho, devemos prestar atenção à literatura considerada belas-artes – histórias, narrativas e contos que alcancem a imaginação.

Assim como a música e a poesia inferiores podem distorcer a imaginação, a literatura também pode. Os personagens podem ser planos e subumanos. As histórias podem ser clichês que não fazem nada além de reforçar conceitos indolentes sobre o mundo. A moralidade pode ser nada mais que sermões cheios de chavões. Mas, não se engane, quando completa, a visão da criança sobre o que é nobre, corajoso, digno, belo e correto já está afetada. Suas afeições já foram moldadas, quer para o bem, quer para o mal.

Tenho testemunhado o triste resultado de crianças que têm sido alimentadas com a dieta evangélica da literatura-lixo e dos romances água-com-açúcar: garotas que chamariam as ações de Jesus no templo de “malvadas”, garotos que pensam que Jesus era um pacifista hippie, e que de vez em quando se sentem culpados por alguma briguinha. Tenho visto a consequência de pais sem discernimento nessa área nos seus filhos de vinte e poucos anos e, com certeza, os pecados dos pais estão sendo transmitidos.

Deixe-me encorajá-lo a ler o artigo de George MacDonald, “*The Fantastic Imagination*” (A imaginação fantástica)¹⁰. Nele, MacDonald nos lembra o que um verdadeiro conto faz, como, e para quem. As melhores histórias não convencem como uma dissertação lógica, mas despertam e estimulam. Suas imagens

10. http://www.george-macdonald.com/etexts/fantastic_imagination.html. Uma tradução do artigo pode ser encontrado no site da EBR: www.editorabatistaregular.com.br.

não simplesmente satisfazem nossas expectativas ou reforçam nossos preconceitos, mas nos provocam, nos desafiam, nos mudam. Vegetais que falam, bombeiros arrependidos, ou equipes de sobrevivência pós-arrebatamento raramente farão isso. As melhores histórias também não simplesmente fornecem distração, fuga ou diversão. Elas nos levam a nos distanciarmos do mundo material por um momento, enxergá-lo através da imaginação moral do conto, e voltar com olhos melhores. Elas nos introduzem a outro mundo, com suas próprias leis. Quando bem contado, o conto e seu mundo nos dão janelas que se abrem para o nosso próprio mundo.

Então, deixe que MacDonald seja um ponto de partida dos contos a serem lidos aos filhos que já têm idade para entendê-los: *The Princess and the Goblin* (A Princesa e o Duende), *The Princess and Curdie* (A Princesa e Curdie), e depois experimente outros contos dele. Passeie pelos contos de fadas dos irmãos Grimm e, depois, os do Hans Christian Andersen¹¹. Os livros de Andrew Lang estão no domínio público; há contos de fada para não acabar mais ali. Há também *As crônicas de Nárnia*, de C. S. Lewis e, para crianças mais velhas, sua trilogia cósmica. O *Hobbit*, de Tolkien, será agradável para algumas crianças mais jovens, assim como *Smith of Wootton Major* (Ferreiro de Bosque Grande), *Leaf by Niggle* (Folha de Migalha) e *Farmer Giles of Ham* (Mestre Gil de Ham). E. S. Nesbit, T. H. White, e Roger Lancelyn Green são outros a serem considerados, e quando terminar de ler esses, seus filhos já estarão lendo por conta própria e terão adquirido um gosto por histórias bem trabalhadas. Até mesmo algumas das mitologias das culturas pagãs – com um pouco de orientação

11. Alguns destes podem ser encontrado em Monteiro Lobato, *Fabulas* (Rio de Janeiro: Editora Globo, 2012).

paterna – poderão ser de grande utilidade na formação da imaginação.

A Landscape with Dragons, de Michael O'Brien, defende a importância de uma imaginação literária cristã em nossas crianças e o apêndice contém centenas de títulos recomendados, apesar de não apoiarmos seu romanismo.

Mais uma vez, queremos que nossos filhos façam mais do que absorver passivamente a música, a poesia e a literatura. Queremos que se tornem juizes do bem e do mal, do belo e do feio, do falso e do verdadeiro. Provavelmente mais do que qualquer outra forma de arte, as histórias levam a criança a pesar, ordenar, julgar, organizar, ao mesmo tempo em que captam o sentido do universo moral das histórias que ouvem. E se essas histórias são sentimentais, incoerentes, enganosas, superficiais, ou propagandistas, nossas crianças saem delas com imaginações desordenadas. O quanto de SNVL elas possuem, se torna uma preocupação secundária. Queremos que julguem os personagens, se oponham e vibrem, comparem as escolhas, distingam o bem e o mal (por vezes no mesmo personagem), que pesem os motivos e as ações e as consequências. Nosso objetivo não é “achar o significado”, de um jeito mecânico, cruel e pedante, mas permitir que uma história surgida de uma imaginação cristã (ou pré-cristã) tenha o efeito de nos moldar.

Pois ao fazermos isso, estaremos preparando nossos filhos para A Maior História Já Contada. Estaremos ajudando-os a compreender histórias como A Criação, A Queda, O Plano de Redenção, A Encarnação, e o Reino. E, já que essa é a história da realidade, queremos que leiam e ouçam sobre o conto “mais verdadeiro” que os homens já contaram.

Artes plásticas

As artes não literárias e não musicais moldam fortemente a imaginação. Desde o triunfo das mídias de televisão e filmes, essas artes têm ficado para trás. Só os aficionados por arte ainda vão ao museu e o uso popular desse tipo de imaginação tem se tornado quase que exclusivamente decorativo e utilitário. Apesar disso, tais obras da imaginação podem fortemente preparar nossos filhos para o evangelho, se corretamente usadas.

Deixe-me sugerir que os pais podem se familiarizar com o significado da arte através de livros tais como *A arte moderna e a morte de uma cultura*, de Rookmaaker, ou *A palavra pintada* de Tom Wolfe. Mais uma vez, a questão crucial é o julgamento – ensinar a criança a pesar, ordenar, organizar, comparar, contrastar e valorizar.

Educar a imaginação de uma criança pode ser bem complexo, no entanto, alguns cursos estão disponíveis para auxiliar em termos de entendimento e apreciação. Além de visitas ao museu local, alguns livros mencionados no apêndice desse livro podem ajudar em termos de exposição aos grandes cânones ocidentais.

Um uso popular da arte que parece ter acesso livre entre pais cristãos e pastores é aquela usada nas Bíblias infantis, no material da Escola Bíblica Dominical entre outros. De acordo com experts sobre o que é apropriado para cada idade, as figuras e arte nesses materiais devem ser cômicas, coloridas e cartunescas. Poucos sabem que esse tipo de arte apoia certas ideias em nossa cultura. São normalmente usadas para temas cômicos, visões sentimentalistas da vida (tudo é ensolarado e todos aparecem sorrindo), e são ícones do que é infantil.

Os fornecedores desse material pensam como verdadeiros populistas evangélicos: o evangelho é para todos e usar uma arte que a nossa cultura reconhece como infantil é fazer o evangelho ser mais agradável, atrativo e compreensivo para as crianças. Com certeza muitos se deparam com essa ideia e os pais podem ficar confundidos pelo interesse e curiosidade que seus filhos mostram. Infelizmente, o que os pais não enxergam é que a criança pode ser influenciada pelas ideias que vêm junto com esse encanto imediato: que o evangelho também é uma história engraçada, que a Bíblia é uma ficção do mesmo modo que seus outros livros de histórias, que as risadas e o pavor que eles sentem e expressam nas outras histórias servem também para quando estão diante de Deus. E o pior de tudo, a criança que está amadurecendo começa a pensar que se as representações da Bíblia são infantis, então as ideias que ela ensina também são. É uma estranha visão que pensa que as crianças estão em melhores condições se o realismo da Bíblia for traduzido por soldados sorridentes em volta de Josué, leões felizes ao redor de Daniel, e representações indolores e sem sangue das narrativas bíblicas.

Outra arte plástica que parece ter sido esquecida por muitos evangélicos é a arquitetura. Infelizmente, muitas das nossas crianças frequentam igrejas em prédios que poderiam passar por lojas, ginásios, escritórios, e a ideia de um espaço consagrado designado para adoradores é rejeitada como sinônimo de extravagância por parte de aderentes da alta liturgia.

Não muitos pais (e até mesmo pastores) estão em posição de sozinhos mudarem a arquitetura da igreja a qual frequentam. Vale a pena agendar visitas com seus filhos a algumas construções consideradas belas, sejam lugares de adoração ou não. Para ajudar nesse assunto, veja o apêndice.

E uma última palavra sobre o teatro, apesar deste não ser considerado uma arte plástica. Seja no palco, na televisão ou na tela do cinema, é onde muitos pais cristãos expressam preocupação. Quer sua preocupação seja a quantidade de horas assistindo, quer seja o conteúdo, ou os efeitos prejudiciais que parecem ter na concentração, raro é o pai que pensa que o teatro é uma completa benção. Já que as convicções em relação à integridade do teatro por parte dos cristãos variam muito, deixe-me fazer três observações, e deixar que você faça seu julgamento.

1) Até o século XX, a igreja universalmente condenava o teatro. Talvez sua condenação fosse parcial e tendenciosa, mas devemos ouvir seus argumentos antes de considerá-los todos inválidos.

2) A natureza concreta e imediata do teatro tem um efeito esmagador sobre as afeições. As pessoas não observam, refletem e sentem; elas reagem imersas na ação e torcem por aquilo que normalmente não torceriam, desejando algo que, em qualquer outro momento, saberiam ser errado. Quanto mais com as crianças, que estão aprendendo a sentir e julgar. Os filmes costumam dar a elas esses julgamentos, assim como o martelinho do doutor faz o joelho estender. Seria melhor que esses julgamentos fossem sadios, antes que você exponha seus filhos a eles.

3) Em face ao teatro, as artes como a poesia, a literatura, as plásticas e a música séria com sua natureza abstrata, simplesmente não conseguem competir na mente da criança. Crianças mais novas são arrastadas para longe de reflexões prolongadas. Não gostam de abstração ou metáforas opacas. Quando uma história é contada diante delas, com todas suas visões e sons fornecidos por uma experiência de imersão, seu apetite pelo

teatro aumenta, e seu desdém por outras artes pode aumentar também. Talvez essa seja a falácia da falsa causa e o teatro e outras artes possam de fato coexistir sem perigo. No entanto, se não puderem, qualquer apetite que destrua o amor pela poesia, literatura ou música séria, é um apetite vil, pois esse desejo certamente prejudicará seu amor pela Palavra de Deus. Se o povo de Deus precisa de um olho poético para meditar em sua Palavra, então melhor será que não se tornem impacientes com a percepção, concentração e reflexão.

Eu sugeriria que os pais tratassem esse meio com cuidado e que trabalhassem duro para estimular o amor às outras artes.

8 A tradição cristã

Nenhum poeta, nenhum artista, tem sua significação completa sozinho. Seu significado e a apreciação que dele fazemos constituem a apreciação de sua relação com os poetas e artistas mortos. Não se pode estimá-lo em si; é preciso situá-lo, para contraste e comparação, entre os mortos. Entendo isso como um princípio de estética, não apenas histórica, mas no sentido crítico.

—T.S. Elliot, *Tradição e talento individual*.¹²

Viver em uma sociedade exige que entendamos as convenções simbólicas largamente acordadas. Para poder começar a falar de cultura, temos que pressupor que o significado tenha uma validade além das interpretações individuais. O significado que é puramente definido pelo indivíduo não tem nada a ver com a cultura. Essa relação, entre a expressão subjetiva e significado social, está enraizada na linguagem com sua tensão entre as exigências sociais da linguagem e os atos de discurso individual através dos quais entramos nela.

—Julian Johnson, *Who Needs Classical Music*.¹³

12. Em *Ensaíos*. São Paulo: Art Editora, 1989.

13. New York, NY: Oxford University Press, 2002, p. 76

Quando expomos nossos filhos às obras imaginativas de grande beleza, não devemos supor que essas obras tenham seu completo efeito em isolamento. A compreensão que seu filho faz da língua não vem de ler aleatoriamente palavras multisilábicas de um dicionário. Ele a ganha ao usar palavras e ser exposto aos significados por um longo período de tempo. É ao passo que ele aprende a língua dentro de sua cultura que ele entende os significados das palavras.

Eliot nos lembra que nenhuma obra de artista algum é apropriadamente entendida em isolamento. Antes, é entendida quando considerada parte de um longo diálogo, estendido por centenas de anos. Artistas, poetas, músicos e escritores usam formas que são entendidas em uma cultura e as desenvolvem. Quando nos damos conta desse diálogo e dos vários caminhos que tomou, entendemos melhor as obras de arte individuais. Fora isso, ouvimos sinfonias, vemos esculturas e lemos poemas como se um interlocutor falante de português ouvisse um discurso em francês. Pode soar bonito e o interlocutor pode adivinhar algumas das emoções sendo expressas, mas a compreensão é severamente limitada.

Se estivermos preocupados com pré-evangelismo, ou seja, em preparar a imaginação de nossos filhos para julgar, pesar valorizar e entender favoravelmente o evangelho e as doutrinas bíblicas, então devemos nos preocupar com a exposição de nossos filhos à tradição que emerge do cristianismo. Tal tradição foi instruída pelas categorias bíblicas e continuou a expressar ideais cristãos na linguagem, música, poesia, arquitetura, pintura e literatura. Não podemos esperar que as obras da imaginação cristã funcionem na imaginação como duas aspirinas funcionam na corrente sanguínea. Devemos entendê-las como partes de um longo diálogo, como partes de uma cultura cristã.

Nosso grande problema com respeito a isso é que a secularização tem levado a igrejas com pouca conexão com as centenas de anos de cultura cristã que existia antes de nós. As igrejas ou têm tentado batizar a cultura secular com ideias cristãs, ou se segurar à cultura cristã em pequenas ilhas, desconectadas da verdadeira transmissão e desenvolvimento que a cultura exige. Esses são dias difíceis, com escolhas maléficas.

Apesar de não podermos simplesmente “adotar” a cultura que não é mais nossa, podemos expor as crianças a ela. Podemos ensiná-las sobre a cultura que surgiu ao se professar o cristianismo, e as formas que ela desenvolveu ao expressar sua cosmovisão. Douglas Wilson, em *The Case for Classical Christian Education*, cita Christopher Dawson:

Pois as pessoas não podem desempenhar um papel na vida moderna a menos que tenham um senso claro da natureza e das conquistas da cultura cristã: como a civilização ocidental se tornou cristã e até onde ela é cristã hoje, e de que maneira ela cessou de ser cristã: em resumo, um conhecimento de nossas raízes cristãs e dos elementos cristãos duradouros na cultura ocidental.¹⁴

Ninguém está afirmando que o ocidente tenha sido completamente colonizado pelo evangelho. O que está claro é que, na providência de Deus, o ocidente foi moldado por ideias cristãs, e deu expressão a elas na poesia, música, literatura, liturgias, arquitetura e jurisprudência. Portanto, um dos objetivos de se moldar a imaginação cristã é expor nossas crianças ao progresso da história ocidental: as histórias das civilizações clássicas que influenciaram a igreja, da igreja através das

14. Wheaton, IL: Crossway, 2003, p. 128

épocas, do ocidente na Idade Média, através do Renascimento, e pelo período negro que ateus chamam orgulhosamente de Iluminismo. Wilson, outra vez:

Ao mesmo tempo, a cultura ocidental recebe a ênfase que recebe porque esta é a cultura na qual a fé cristã tem feito seus maiores avanços. A civilização ocidental não é sinônimo do reino de Deus, mas as histórias das duas entidades estão tão entrelaçadas que uma não pode ser entendida sem a outra. Tente imaginar uma história ocidental decente que não faça referência ao cristianismo ou uma história da igreja que não faça menção a Carlos Magno ou Constantino.¹⁵

Ao ensinarmos essa história, estamos ensinando mais que nomes e datas. Estamos ensinando o progresso da doutrina, a formação de metáforas, o significado das analogias que se tornaram a informação compartilhada da cultura cristã. E o mais importante, essas metáforas e analogias se tornaram o mútuo sentimento para com as coisas de Deus, as mútuas afeições com relação ao culto a Deus. Posto de uma maneira simples, nossos filhos devem se tornar letrados na cultura que o cristianismo desenvolveu se quisermos que eles sejam propriamente moldados pelas obras da imaginação cristã.

15. *Ibidem*, p. 84

9 Linguagem, pensamento e educação cristã

Para entender a realidade, uma criança precisa pensar. O pensamento que traz entendimento não é o mesmo que o de uma vaca quando nota um carro atravessando o pasto. É o tipo de pensamento sobre ideias. Para pensar sobre ideias, uma criança deve conhecer a linguagem. A linguagem é a tecnologia do pensamento.

A linguagem, como a usamos aqui, não se refere a um vasto conjunto de nomes sobre o mundo. Chimpanzés e cachorros podem aprender certos nomes e comandos verbais. A linguagem, como a atividade dos portadores da imagem de Deus, é uma questão de fazer afirmações, declarações sobre as coisas no mundo. A verdadeira linguagem não nomeia as coisas simplesmente, mas nos diz algo sobre elas. Somente quando estamos contando – descrevendo, valorizando, explicando, relatando, comparando, contrastando – é que usamos a linguagem como pessoas feitas à imagem de Deus.

A linguagem humana é uma ferramenta extraordinária para essa tarefa. Podemos descrever ações no passado, presente ou futuro e podemos sugerir que a ação foi condicional,

imperativa ou definitiva. Podemos descrever a ação como progressiva, completa ou incompleta. Podemos fazer um sujeito ser responsável pela ação ou receptor dela. Podemos escolher dentre uma confusa variedade de sinônimos para expressar um tom específico do significado que queremos. Nosso mundo de ideias, desde o primeiro livro da criança até o mais obscuro texto filosófico, existe somente porque somos capazes de usar a linguagem.

O que acontece com a alma quando a tecnologia do pensamento está quebrada por uma gramática defeituosa e um vocabulário esquelético? A extensão de suas ideias é imediatamente limitada. Seu potencial para pensar, discriminar, julgar, contrastar e fazer o tipo de distinções refinadas necessárias para a sabedoria é grandemente diminuído. Sua linguagem desordenada reflete ideias desordenadas e ideias desordenadas não refletem o universo ordenadamente feito por Deus.

Se quisermos que nossos filhos abracem a realidade de Deus de acordo com as Escrituras, devemos prepará-los para fazer isso com a máxima atenção à linguagem. Queremos que eles não só sejam leitores competentes das Escrituras, queremos que sejam pensadores competentes. Eles só pensarão claramente quando tiverem recebido mais do que uma breve lição em gramática.

Deixo aqui a minha preferência por uma educação que leva a criança a examinar a fundo a gramática e a sintaxe. Quando as conexões entre palavras são entendidas, a clareza das ideias surge. Quando a criança pensa que suas palavras se referem apenas a coisas, ela é menos meticulosa com relação a pensar ideias, e mais propensa a ser levada por todo vento de doutrina.

Não é segredo que discursos sérios estão quase mortos.

Leia os argumentos na seção de comentários da maioria dos blogs. Ouça à retórica política. Leia colunas, e sim, é triste ter que dizer, ouça outras pregações. Precisão de pensamento tem sido substituída por chavões, suposições e ficções incontestadas. Raciocínio disciplinado e discurso coerente têm sido substituídos por um gesticular selvagem e defesas inocentes de preconceitos estimados.

Na fragilidade resultante, as verdades e ideias do evangelho podem não ser claras e razoáveis para mentes jovens se elas não forem ensinadas a pensar claramente e raciocinar bem. Se formos descuidados com relação à linguagem, jogamos nossos filhos aos leões do pluralismo e discurso incoerente, e possivelmente alejamos suas habilidades de ver corretamente as verdades do evangelho.

Só veremos esse tipo de proximidade com a leitura, a escrita e o pensamento se nossos filhos tiverem uma educação verdadeiramente cristã.

Mais do que piedade

O propósito da educação cristã não seria simplesmente formar homens e mulheres para serem cristãos piedosos: um sistema que objetivasse rigidamente apenas esse fim se tornaria apenas obscurantista. Uma educação cristã deve primeiramente ensinar as pessoas a pensarem em categorias cristãs.

—T. S. Eliot.

O grande mito da educação no mundo ocidental é que é possível haver uma educação puramente “secular”. Os cristãos têm normalmente comprado essa mentira, pensando que a educação secular dará a seus filhos fatos neutros e livres de valores

sobre o mundo, aos quais os pais podem misturar alguns fatos bíblicos todo domingo. Pensam que as escolas são simples moínhos de informação, girando a manivela das informações que equipam os filhos para um dia “conseguirem emprego”.

Interessantemente, poucas outras religiões concordam com isso. Judeus ortodoxos educam seus filhos em suas próprias escolas. Muçulmanos devotos começaram suas próprias escolas. Hindus, budistas e outros que levam sua fé a sério tem o cuidado de que seus jovens sejam educados em escolas que eles mesmos fazem. Eles fazem isso porque não acreditam que as escolas seculares sejam fábricas de informação amoral. Escolas seculares também são escolas religiosas.

Inegavelmente, o secularismo é uma religião. A religião do secularismo prega que, embora Deus talvez exista, ele não se preocupa com as “realidades da vida”. Portanto, sua devoção a ele deve ser algo “muito pessoal”, e nunca pregada como verdade para ninguém a não ser você mesmo. Todas as religiões são igualmente verdadeiras, pois são meras escolhas pessoais para sua própria felicidade. Portanto, todas as religiões devem ser igualmente representadas e receber o mesmo espaço à mesa.

Por mais que o secularismo pose como não-religioso, ele é profundamente religioso. Ele tem um deus, (“progresso”), um grande mito para explicar a vida (“evolução”), um padrão de valores (“o bem-estar humano”) e fé (“análise objetiva”). O secularismo rejeita a centralidade da Revelação de Deus na Bíblia, destrona Deus como a fonte da realidade suprema, e nega a pecaminosidade humana.

Educação “secular” não é de forma alguma uma educação não religiosa. É simplesmente uma educação dentro da religião do secularismo. Se mandamos nossas crianças para

a escola, a questão não é *se* a escola será religiosa, mas em *qual* religião elas estarão sendo educadas. O que é então uma educação cristã?

Uma filosofia cristã da educação

Uma educação cristã não é um folheado de fatos bíblicos levemente pintados sobre a mobília do secularismo. Educação cristã é discipulado.

Discipulado é o objetivo da Grande Comissão (Mt 28.19-20). Cristo desejava que fôssemos instrumentos de sua obra miraculosa de transformar rebeldes em adoradores. Um discípulo ama a Deus em primeiro lugar, ama seu próximo como a si mesmo e ama a criação assim como Deus a ama. Um discípulo deve ser sobrenaturalmente regenerado e então começar um processo de instrução e obediência na igreja local, que durará a vida toda. Educação cristã é nada menos que uma parte substancial dessa instrução e treinamento na justiça.

Para entender como uma filosofia de educação cristã difere de uma secular, precisamos apontar para o que a educação cristã *não é*.

A educação cristã não é primordialmente a preparação de uma pessoa para uma carreira. Ela não está preocupada principalmente em dar à pessoa um conjunto de “habilidades comercializáveis”. Apesar de serem importantes, e uma boa educação certamente lançará base para isso, a educação cristã não é o exercício para equipar nossos filhos a “conseguirem trabalho”. O conhecimento não é uma ferramenta a ser explorada para meros ganhos financeiros. Se corretamente usado, certamente proporcionará isto (Pv 24.4), mas o conhecimento

é um presente de Deus a ser sabiamente gerenciado, não uma medida para mercenários financeiros.

A educação cristã não é moralismo adicionado ao conhecimento secular. A educação cristã não é simplesmente uma lição moral conectada ao currículo ou versículos bíblicos espalhados pelo curso secular. Não é simplesmente orar pela manhã, ter um culto durante o dia, acrescentar uma disciplina bíblica ao currículo. Isso pode satisfazer os desejos de alguns pais para que bons valores morais sejam inculcados, mas ainda assim carecem da verdadeira educação cristã. Discípulos não são criados por meio da adição de poucas lições morais a um currículo secular.

A educação cristã não é imitar a educação secular com alusões ao cristianismo. Como o lar, uma escola sempre se depara com a tentação de viver uma vida indistinguível da sua contraparte secular. Tentar emprestar do mundo uma abordagem de aprendizado, instrução, disciplina, relações entre professores e estudantes, envolvimento dos pais, esportes e extracurriculares, e então adicionar lemas cristãos, declaração de visão e versículos bíblicos raramente se qualifica como educação cristã. Cristãos que se auto negam e carregam suas cruces não surgem de doze anos de educação secular, simplesmente porque a escola tinha uma declaração de visão cristã.

Para resumir, a educação cristã é um exercício de *antítese*, como diz Douglas Wilson. Isto é, a educação cristã faz oposição aos valores e crenças de sua época. Afirma que a terra é do Senhor (Sl 24.1) e que o mundo todo habita em trevas. Consequentemente, a educação cristã visa ensinar os cristãos a olhar todas as coisas da vida através dos olhos de Deus – inclusive a matemática, geografia, poesia e futebol. A educação cristã afirma que há também um modo *descrente* de ver

a matemática, geografia, poesia e futebol. A educação cristã coloca-se em antítese às visões humanas que se opõem a Deus (2Co 10.5–6). A educação cristã começa com Deus sendo o único que pode dar sentido ao conhecimento humano e sua Palavra como relato infalível de sua mente. A educação cristã começa com a glória de Deus em seu ponto mais alto, a Palavra de Deus como autoridade final e amor supremo por ele como principal objetivo. Essa abordagem antitética afeta o currículo, a disciplina, o modo como o conhecimento é ensinado, e miríades de outras situações.

A educação cristã apoia-se no contraste à educação secular por suas quatro buscas. A educação cristã busca quatro objetivos que se distinguem do pensamento secular.

Primeiro, a busca por sabedoria. A sabedoria não tem nada a ver com a abordagem de se colecionar fatos da ciência moderna. A cabeça de um homem sábio não está estourando com fatos desconexos extraídos das ciências exatas, das ciências humanas ou de outras áreas do conhecimento. Sabedoria é a habilidade de entender o conhecimento ganho através do mundo de Deus, e aplicá-lo para a glória de dele. Quando você é sábio, você vê a vida através da perspectiva de Deus e transforma essa perspectiva em obediência prática. Uma vida de santidade – a vida de um discípulo – flui do coração da sabedoria.

A educação cristã não é um exercício de se colecionar fatos e transformá-los em dinheiro. Antes, é a busca de conhecimento, entendimento, e sabedoria, para se tornar cada vez mais parecido com Cristo. É por isso que, no coração da sabedoria e, portanto, no coração da educação cristã está o temor do Senhor (Pv 1.7; 9.10). Por essa razão, a adoração está no coração da educação cristã. Somente jovens adoradores

interpretarão apropriadamente o conhecimento que ganham e o transformarão em sabedoria. Uma escola cristã que ignora a adoração não é de forma alguma uma escola cristã. Antes de tudo isso, uma educação cristã busca criar discípulos reverentes – pessoas que temam a Deus e queiram ter a sua perspectiva em tudo na vida. A ética cristã e uma vida de aplicação das Escrituras surgem de uma verdadeira educação cristã, a qual tem triunfado quando cria pessoas peritas em aplicar a Palavra de Deus no mundo de Deus.

Segundo, a busca de uma cosmovisão cristã. Uma cosmovisão não é uma janela através da qual sua mente olha. Sua cosmovisão é a lente através da qual você vê tudo. É como você entende o passado, o presente e o futuro. É seu padrão de julgamento: o que é bom, verdadeiro e belo. É o que define Deus, os outros, o mundo e você mesmo. A cosmovisão é sua ideia da realidade, seu entendimento do que é real.

A educação cristã objetiva nada menos do que dar à criança uma cosmovisão completamente cristã. Não satisfeita em ensinar poesia, literatura, geografia, biologia, história ou economia levemente temperada com versículos bíblicos, ela insiste que todo domínio do conhecimento seja entendido segundo o que Deus vê e usado segundo o que Deus ordena. Isso significa que a educação cristã tem uma epistemologia cristã única. Isso é, a educação cristã acredita que exista uma maneira certa de se conhecer e busca isso. Isso significa pelo menos três coisas.

Primeiro, ela vê a Palavra de Deus como central para o entendimento, autoritária e definitiva em autoridade. A Bíblia fornece a estrutura para entender todo o conhecimento no mundo. As Escrituras são a primeira gama para se enxergar a realidade. Uma educação cristã faz mais do que temperar

o conhecimento secular com versículos bíblicos, ela reinterpreta todo o conhecimento através de filtros bíblicos.

Segundo, ela educa a imaginação. A educação cristã prestará atenção às coisas que atingem e moldam a imaginação diretamente: música, poesia, literatura, arte.

Terceiro, ela educa dentro de uma tradição. Um entendimento cristão do mundo não surge do nada. Cristãos não surgem com a fé renovada a cada geração. Os cristãos passam sua fé uns aos outros, que depois passam a outros (2Tm 2.2). Isso significa que uma torrente de entendimento tem fluído e aumentado desde os dias dos apóstolos. A educação cristã pisa dentro dessa torrente e educa com o impulso que vem atrás dela. Isso significa entender a história do cristianismo e do pensamento cristão, lado a lado com o estudo da cultura e pensamento ocidental.

Terceiro, a busca pelo pensamento sadio. Porque nenhuma mentira pode ser usada no serviço da verdade, uma educação cristã não pode aceitar inverdades em qualquer ocasião. Se o conhecimento é desordenado, erroneamente aplicado, ou mal-entendido, ele causa engano. A educação cristã é meticulosa quanto à clareza, validade lógica, razão sadia. Por essa razão, a educação cristã é exata quando se trata da linguagem. A linguagem expressa ideias e quando ela é desordenada, as ideias são erradas. De fato, a educação cristã força o estudo de idiomas precursores ao nosso para aumentar nossa precisão na linguagem e expandir nossa destreza.

Da mesma maneira, a educação cristã preza a lógica e a razão. Argumentação, raciocínio indutivo e dedutivo e lógica formal são necessários para uma resposta cristã aos pensamentos bombásticos de Satanás (2Co 10.5-6). A educação cristã vê valores em assuntos tais como a lógica formal,

matemática e geometria, não simplesmente pelos valores práticos, mas pela lógica rigorosa e pelo poder de raciocínio que esses assuntos dão à mente.

Quarto, a busca pela vocação. A educação cristã almeja moldar discípulos, não meramente equipar profissionais. No entanto, ela visa ajudar seus alunos a atender suas vocações. Primeira aos Coríntios 7.18–23 ensina que todo crente tem um chamado, uma vocação. Deus designa essas posições na vida e a satisfação vem quando uma pessoa busca e realiza seu chamado.

Uma educação cristã que mereça assim ser chamada, buscará a sabedoria, uma cosmovisão cristã, um pensamento sadio e a vocação. A criança que experimenta tal educação, seja no lar, seja em uma escola cristã, certamente estará em uma posição melhor, do ponto de vista do pré-evangelismo, que sua contraparte secular.

10 Conclusão

Ao considerarmos como a imaginação de uma criança é moldada, discutimos a piedade dos pais, os papéis da família no lar, as rotinas, os rituais (como o culto doméstico, o culto corporativo e eventos especiais), as boas maneiras, a arte (como música, poesia, literatura e artes plásticas), a tradição cristã, a linguagem e a própria educação. Quando considerada junto, moldar a imaginação não é uma atividade para de vez em quando, mas de grande parte da vida vivida em família, com suas conexões na igreja e na escola. Nas palavras de Deuteronômio 6, nós moldamos nossos filhos para amar a Deus quando nos levantamos e nos deitamos, quando saímos e quando retornamos. O objetivo não é nada menos do que como uma criança entende e julga a própria realidade. A interpretação do mundo por parte de uma criança não vem através de dados sensoriais objetivos fornecidos pelos olhos e ouvidos. A interpretação e entendimento vêm através de imagens – imagens fornecidas pelo exemplo, exposição, arte, história e linguagem.

Poderíamos mencionar outros tópicos que moldam o retrato que a pessoa faz de Deus, dela mesma e do mundo. Anthony Esolen, em seu livro *Ten Ways to Destroy the*

Imagination of your Children (Dez maneiras de destruir a imaginação de seu filho), menciona tópicos como brincar, vida ao ar livre, amor à natureza e trabalhar com as mãos. Kent Hughes, em *Disciplinas da família cristã*, repete essas atividades e adiciona outras tais como viajar, ter hobbies e praticar esportes. Apesar de não serem formativos como os tópicos que consideramos, ainda assim podem desempenhar esse papel. Lembre-se, o objetivo não é uma visão superficial secularista de uma “criança bem desenvolvida” (seja lá o que isso signifique); nós cristãos esperamos usar todos os meios legítimos para moldar em nossos filhos a ideia da realidade.

Certamente, como disse no início, presumo que ensinaremos o evangelho aos nossos filhos. Presumo que os catequizaremos completamente, os saturaremos de doutrinas bíblicas e os mergulharemos em materiais de discipulado. O problema à nossa mão é, apesar de tudo o que fazemos, saber por que tantos ainda se afastam de Deus.

Se a imagem que uma criança tem de Deus, do mundo, e dela mesma é fundamentalmente diferente do que a retratada nas Escrituras, ela não só pensará em Deus, nela mesma e no mundo de uma forma errada, mas terá um *sentimento* errado para com essas coisas. Sua reação para com o universo será de maus desejos. Estes maus desejos deformarão seu pensamento e a levará a conclusões erradas. Romanos 1.18–32 atuará da mesma maneira em sua vida.

Deixe-me explicar isso em termos cotidianos. Se ela (a criança) imagina Deus como um vovô, o mundo como um banco a ser saqueado, e a si mesmo como uma pessoa boa e amável, você terá muita dificuldade em ensiná-la que ela é uma pecadora merecedora de morte, que tem abusado da criação, e que Deus irá julgá-la. Ela pensará que Deus pode

ser tratado com mesquinha, ou totalmente ignorado. Terá pouco temor de Deus, pouco temor quanto ao juízo, e pouca alegria ao pensar na graça. E apesar de ter ouvido do evangelho centenas de vezes (e possivelmente “feito a oração”), dirá que é agnóstico quando fizer dezenove anos. Os pais vão chorar, os pastores balançarão suas cabeças e aconselharão mais oração e todos insistirão em como a igreja precisa de mais eventos. Os amigos serão culpados, haverá conversas e lamentos sobre a música e os filmes de hoje, mas isso só somará mais desculpas por mais uma alma perdida. Se levarmos as almas de nossos filhos a sério, devemos levar a sério o problema da imaginação.

Os pais são responsáveis por ajudar a moldar e formar um mapa mental da realidade na mente da criança. Se recusarem, não há como dizer de que maneira a criança interpretará os “fatos” do evangelho. Esses fatos não são autônomos e o milagre da regeneração não é normalmente realizado sem o uso dos meios por parte do Espírito Santo. Jesus pode ter transformado a água em vinho, mas primeiro, houve servos que encheram as talhas com água. No caso da regeneração de uma criança, os pais são esse meio, enchendo a talha de água, moldando a imaginação para que o Espírito faça uso dessa disposição favorável com relação à mensagem cristã.

Eu sou pai. Sei que nada, a não ser a imerecida graça de Deus, pode regenerar meus filhos e mantê-los fiéis. Mas, sei também que o Espírito usa os meios. Por esta razão, quero usar o máximo dos meios discutidos nesse livro para moldar a ideia que meus filhos têm de Deus, de si mesmos e do mundo. Eu não acho que as verdades do evangelho converterão, a não ser que elas sejam corretamente vistas, corretamente imaginadas. Então trabalho para preparar os corações dos meus filhos

para que vejam o invisível tanto quanto for possível, a fim de que o Espírito vivificador possa abrir seus olhos para Cristo. Vejo esse moldar da imaginação como a preparação do altar feita por Elias. Farei tudo o que for possível, e confiarei que Deus enviará o fogo.

Apêndice A:

Recursos para os pais

Alguns guias úteis, embora não infalíveis.

A imaginação

“The Fantastic Imagination” – George MacDonald. Um artigo no prefácio da obra *Fairy Tales*. Em domínio público.

“A ética da Elfolândia”, capítulo de *Ortodoxia* – G. K. Chesterton. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2007.

Ten Ways to destroy the Imagination of Your Child – Anthony Esolen. Wilmington, DE: ISI Books, 2010.

Os papéis da família

Building Strong Families – Dennis Rainey (ed) Wheaton, IL: Crossway, 2002.*

Gospel-Powered Parenting – William P Farley. Philipsburg, NJ: P&R Publishing Company, 2009.*

Pastoreando o coração da criança – Tedd Tripp. São José dos Campos: Editora Fiel, 1998.

Rotinas

Disciplinas da família cristã – Kent & Barbara Hughes. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

For the Family's Sake – Susan Schaeffer Macaulay. Wheaton, IL: Crossway, 1999.

Rituais

Formando cavaleiros para os dias de hoje – Robert Lewis. São Paulo: Editora UDF, 2011.

Treasuring God in Our Traditions – Noel Piper. Wheaton, IL: Crossway, 2007

Arte

Música

Who Needs Classical Music? Julian Johnson. New York, NY: Oxford University Press, 2002

Children's Classics – Leonard Bernstein. Sony, 1998.

Kevin Bauder, em seu artigo “Start Them Young” (Inicie-os Cedo) (*In the Nick of Time*, 27 de abril de 2012, artigo online: www.centraseminary.edu/resources/nick-of-time/364-start-them-young), lista várias obras apropriadas para iniciar a apreciação musical por parte da criança:

Pedro e o Lobo de Sergei Prokofiev

Carnaval dos Animais de Camille Saint Saen

Guia de Orquestra para Jovens de Benjamin Britten

Overture Slonnelle “1812” de Tchaikovsky

Sinfonia n.º 6 de Beethoven

Quadros de uma Exposição de Mussorgsky

O Moldava de Smetana

Danças Húngaras de Brahms

Canções Sem Palavras de Mendelssohn

Música para os Reais Fogos de Artifício e Música Aquática de Handel
Seleções de O quebra-nozes – de Tchaikovsky

Poesia

The Harp & Laurel Wreath – Laura M. Bersquist. San Francisco: Ignatius Press, 1999.

Divine and Moral Songs for Children (Canções divinas e morais para crianças) – Isaac Watts, disponível online.

Hymns for Children (Hinos para crianças) – Charles Wesley – disponível online

Sugestões de hinos para ensinar às crianças pequenas:

Cristo tem amor por mim – *Hinário para o culto cristão*, nº. 173

Castelo forte é nosso Deus – *Hinário para o culto cristão*, nº. 406

Vós, criaturas de Deus Pai – *Hinário para o culto cristão*, nº. 224

Santo! Santo! Santo! – *Hinário para o culto cristão*, nº. 2

Ao contemplar a rude cruz – *Hinário para o culto cristão*, nº. 127

Fonte és tu de toda benção – *Hinário para o culto cristão*, nº. 17

Ó Deus eterno ajudador – *Hinário para o culto cristão*, nº. 38

Adorem o rei – *Hinário para o culto cristão*, nº. 230

Finda-se este dia – *Hinário para o culto cristão*, nº. 269

Sê minha vida, ó Deus de poder – *Hinário para o culto cristão*, nº. 363

Literatura

A Landscape with Dragons – Michael O'Brien. San Francisco: Ignatius Press, 1998.

Artes plásticas

Arte guia visual definitivo da arte da pré-história ao século XXI.

Andrew Graham-Dixon. São Paulo: Publifolha, 2011.

Descobrimo grandes artistas: A prática da arte para crianças –

Mary Ann F. Kohl. Porto Alegre: Penso, 2001.

A arte moderna e a morte de uma cultura – H.R. Rookmaaker.

Viçosa: Ultimato, 2015.

A palavra pintada – Tom Wolfe. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

A história da arquitetura – Jonathan Glancey. São Paulo:

Loyola, 2007.

Educação

A abolição do homem – C.S. Lewis. São Paulo: WMF Martins

Fontes: 2012.

The Case for Classical Christian Education – Douglas Wilson.

Wheaton, IL: Crossway, 2003.

As ferramentas perdidas da aprendizagem – Dorothy Sayers.

Artigo traduzido publicado em http://www.monergismo.com/textos/educacao/ferramentas_perdidas.htm

Apêndice B:

Dez maneiras de criar um secularista

O dicionário Webster's define secularismo como sendo a "indiferença a, ou rejeição, ou exclusão da religião e considerações religiosas". A julgar pelas expressões dos jovens durante o louvor em muitas igrejas, estamos tendo bastante sucesso em criar uma geração de fortes secularistas. Para ajudar os pais nessa tarefa, aqui vão dez sugestões:

- 1) Frequente uma igreja onde os crentes não levem Deus tão a sério. Se a igreja não sabe a diferença entre louvor e entretenimento, então isso com certeza acontecerá, e você deve fazer dessa igreja seu lar espiritual. Certifique-se que as programações (e deve haver muitas delas) e ministérios deem bastante ênfase à diversão e a enxerguem como o bem maior. Após a Escola Bíblica Dominical, pergunte aos seus filhos "Vocês se divertiram?". Certifique-se que o nível de diversão aumente conforme os filhos vão crescendo. Durante o culto, não ligue se os pastores quiserem envolvê-lo em algum tipo de reflexão, arrependimento, humildade ou adoração. Deixe

que seus filhos vejam sua impaciência com esse tipo de coisa. Se isso persistir, fale com a liderança e informe-os sobre a direção errada que o culto está tomando.

2) Trate o Dia do Senhor como uma tarefa cansativa. Chegue à igreja, proceda com as formalidades, e então vá para casa curtir as coisas boas: almoço, jogos no computador e, principalmente, um pouco de televisão ou filme. Não mencione a pregação em casa e evite, por todos os modos, demonstrar qualquer tipo de emoção ao falar sobre como a revelação de Deus afetou você.

3) Encha a casa, o carro, e a agenda de barulho. Isso é, encha a vida de seus filhos com distrações contínuas tais como desenhos, seriados e comédias leves, filmes, esportes, vídeo-games e coisas desse tipo. Mantenha todos sempre ocupados com entretenimento e deixe a meditação, o silêncio e a reflexão bem longe do seu lar.

4) Deixe que os amigos dos seus filhos sejam seus mentores culturais. Deixe que outras crianças definam a ele o que é ser apreciado, valorizado, amado e estimado. Faça isso ao deixar que a maior parte de sua vida não seja passada com você, e se isso acontecer, não se incomode de dizer a ele sobre o que você acha ser verdadeiro, bom e belo. E se eles começarem a ter as mesmas atitudes rabugentas, céticas e cínicas dos amigos, saiba que você está tendo progresso.

5) Encha sua mente e sua vida com a cultura popular: música pop, filmes e televisão. Deixe que ele seja moldado por músicas que banalizem a condição humana, histórias que despertem bons sentimentos, mas proíbem reflexão, e arte genérica que a criança goste, mas que não precise refletir, aprender ou se esforçar para aprender. Certifique-se que seus sentimentos impulsivos direcionem seus gostos, e nunca, mas

nunca o force a ouvir música séria, aprender um instrumento, ler boa poesia e literatura ou ir ao museu. Lembre-se, o principal aqui é ele amar a si mesmo; portanto, tudo aquilo que o forçar a entrar em mundo que não seja o dele, é mau. Se ele não gosta de alguma coisa, deixe que saiba que isso é mau, e se ele gosta, é bom.

6) Não o ensine a comparar e criticar as coisas por sua virtude, verdade e beleza. Se ele desenvolver qualquer habilidade nessa área, ele estará desenvolvendo as ferramentas da adoração, e você não quer isso. Preferencialmente, encontre formas que são mescladas de uma maneira agradável, música pop se passando por louvor, poemas juvenis se passando por adoração, desenhos e filmes se passando por cristãos, e arte religiosa barata e cafona. Uma vez que a adoração e entretenimento autograticante estejam misturados, ele nunca será capaz de separá-los, e penderá para o entretenimento.

7) Celebre os ídolos da nossa cultura: esportes, carros, tecnologia, brinquedos, roupas de marca, comidas finas e entretenimentos populares. Fale sobre essas coisas com entusiasmo, gaste seu dinheiro com isso deliberadamente, e deixe que seu filho veja que aqui é onde sua alma repousa e encontra deleite. Alegrem-se juntos com as aquisições materiais, reserve seus mais altos elogios para as estrelas do esporte, babe em cima das revistas, dos shows de carros e das próximas atrações. Envolve seus filhos na busca por essas coisas desde bem cedo, para que eles saibam que essas são as coisas que realmente importam. Deixe claro que o “evento da semana” é a noite do cinema, fale sobre isso com antecipação, mostre bem todo seu prazer quando chegar o dia, e cerque-o de todo o tipo de cerimônias de conforto.

8) Mantenha os olhos deles fixos em todo estilo de tela:

celular, tablet, computador e televisão – não importa o tipo. Isso os impedirá de verem as obras das mãos de Deus, especialmente o céu ou a complexidade das coisas que vivem e crescem. De preferência, não viaje, mas se você precisar, certifique-se que seu carro tenha uma televisão, que haja TV a cabo no local de chegada, e que eles tragam seus dispositivos eletrônicos.

9) Deixe que eles sejam descuidados com as palavras e as linguagens. Uma ideia clara requer pensamento claro, que requer uma linguagem precisa. Não é isso que você quer; você quer que seu filho viva no mundo vago e embaçado das noções e ideias contraditórias. Vocabulário e dicção são algumas das *techne* da adoração, portanto, certifique-se que ele use uma gramática incoerente, rejeite definições claras, prefira gíria e nunca aprenda a escrever seus pensamentos coerentemente.

10) Evite todo tipo de boas maneiras, etiqueta ou beleza cotidiana em casa. Esses tipos de coisas ensinam a ele a pensar em adequação, ordem e decência (que pertencem à adoração), para não falar do fato de que elevam sua existência acima do simples fato de existirem física e materialmente. Deixe que a informalidade pareça natural e “real”, e deixe que todo costume, ritual e forma sejam vistos como hipocrisia e falsidade. De fato, diga isso a ele.

Faça isso consistentemente pelos, digamos, vinte anos seguintes e eu posso garantir que quando esse tempo chegar, seus filhos serão completos secularistas. E o melhor de tudo, eles terão passado todo esse tempo com você, dentro da igreja. Você poderá dizer que foram criados em um *lar cristão*, mas o fato de terem se desviado é culpa deles mesmos.

Apêndice C:

O deus da diversão

Um valor que parece estarmos sempre procurando moldar em nossos filhos é o valor da diversão. A diversão é um direito inquestionável e indiscutível da criança.

Diversão, diversão, diversão. A aprendizagem na escola deve ser divertida, e o currículo é julgado agora por quão divertido é o processo de aprendizagem. As férias escolares devem ser divertidas, e já existe toda uma verdadeira indústria de atividades de férias e entretenimentos. Os esportes devem ser divertidos, e eu suponho que seja o fato de ser divertido ganhar dos outros, o que torna a nossa cultura tão centrada no esporte. A caixa do cereal matinal deve ter figuras divertidas, com brinquedos divertidos dentro e comida super açucarada para se divertir. Observe a montanha de brinquedos no quarto da maioria das crianças ocidentais. O que elas mais precisam é diversão, e a mamãe e o papai vão comprar. Escovar os dentes deve ser feito com a escova de dente divertida, e com a pasta de dentes com gostinho de diversão. O banho tem que incluir brinquedos, para que a diversão também seja incluída na ação de se limpar. Os pijamas devem ter figuras divertidas,

e os cobertores também. Acima de toda essa lista da diversão está a televisão. Os produtores de televisão têm sido mestres na arte de criar e satisfazer os apetites por diversão. Imagens imediatas, interessantes, recreativas, surpreendentes, cômicas, e sempre em movimento, mantêm o nível de diversão bem alto. E uma criança sem uma dieta constante de televisão, não tem diversão, certo?

Talvez eu não esteja exagerando quando digo que nossa cultura considera a diversão como o maior bem, quando se trata de crianças. A diversão é o objetivo supremo para a criança. Não sei a que ponto esse valor supremo perde sua centralidade, mas, em algum momento, adultos entediados se encontram com a verdade: “Nem tudo na vida é diversão, sabe”. Essa afirmação cínica é mais uma apresentação cruel e violenta da realidade, já que em toda a existência da criança esse fato nunca lhe foi revelado. Desde o amanhecer até o anoitecer, a criança deve ter diversão.

Não sei bem as origens dessa ética da diversão-como-valor-supremo. Suspeito que muito disso tenha começado com a idealização do Romantismo da criança como paradigma da inocência e virtude, e, portanto, o pensamento de que ela merece uma infância com brincadeiras descomplicadas. No entanto, como pai e pastor, me preocupo em como essa ideia moldará a imaginação religiosa dos meus filhos, e das crianças em minha congregação. Preocupo-me em como o ensinar nossos filhos a amarem a diversão acima de tudo se tornará uma pedra de tropeço em sua adoração. Afinal de contas, a igreja não escapou da ética da diversão.

Observe o que perguntamos aos nossos filhos quando vamos buscá-los na classe da Escola Bíblica Dominical. “Você se divertiu?”. Sim, pois é isso que esperamos dos programas

infantis: diversão. O material deve ser colorido e agradável aos olhos. As atividades devem ser interessantes e divertidas. Precisa haver jogos divertidos. As musiquinhas devem ser cheias de movimentos, gestos engraçados e com “efeito-chiclete”. Devem ser legais de cantar. As lições devem ser engraçadas, bobinhas e divertidas de se escutar. E nós as consideraremos um sucesso se as crianças voltarem com a afirmação de valor máximo: “Foi muito divertido!”. Quando alguém tem talento pra ser engraçado, nós comentamos, “ele é muito bom com crianças!”. Sim, se as crianças pensarem que a igreja é divertida, elas irão gostar dela. E com sorte, achamos, se tornarão crentes.

O problema é esse: a que ponto, e de que maneira, graduamos nossos filhos ao entendimento de que Deus não é divertido? O temor do Senhor não é uma experiência “divertida”. Cantar “Santo, Santo, Santo” não é divertido. Podemos pensar em palavras como sobriedade, reverência, esperança ou adoração, para descrever a experiência, mas não diversão. Preparar a pregação não é divertido. Eu me alegro em fazê-lo e sou muito edificado pelo intenso estudo da Palavra de Deus. Mas não é divertido, como jogar Tetris, ou brincar de jogar a bolinha para meu cachorro. Também não é divertido ouvir a explicação paciente da Palavra de Deus. Esclarecedor, encorajador, desafiante, provocativo talvez, mas não divertido. Intensa concentração, foco e meditação no caráter revelado de Deus é penetrante, revelador, satisfatório, entusiasmante e exaustivo. Mas não é divertido. E a ceia do Senhor não é nunca divertida. Atemorizadora, intimidadora, quebrantadora, convidativa, restauradora, mas nunca divertida. A adoração não é divertida, e mesmo assim acreditamos que a diversão é a chave para criarmos pequenos adoradores.

Por que a diversão ainda é tão central no ministério da igreja?

Primeiro, porque nossa cultura a toma por correta. Portanto, questioná-la é perturbar o modo como a máquina trabalha.

Segundo, o pragmatismo guia nossos métodos. Queremos que nossos filhos estejam na igreja, e que cultuem, então achamos que a diversão é aquilo que irá prendê-los à igreja. Isso não é muito diferente de usar o rock, a música pop, prometer uma vida melhor, oferecer uma rifa de carro na recepção da igreja. Achamos que os fins justificam os meios.

Terceiro, nós criamos e sustentamos esse apetite de tantas outras formas fora da igreja. Eu cresci na cultura da diversão, e passei por ela sem pensar muito nisso. Mas o que as crianças faziam antes que o mundo as sufocasse com a transbordante caixa do riso da diversão, nos últimos dois séculos? Elas encontravam coisas para fazer. Elas aprendiam coisas. Ajudavam em casa. Tocavam música com suas famílias. Iam ao culto na igreja. E brincavam. Em outras palavras, eram pequenos humanos se preparando para a vida adulta.

Nós estamos sempre moldando as afeições de nossos filhos, através do que amamos e do que esperamos deles. Se esperamos que eles não só brinquem, mas trabalhem e sirvam, eles aprendem que a diversão não é a coisa mais importante da vida. Se insistimos em que devam aprender, mesmo que esse aprendizado não seja divertido, os ensinamos o que é o aprendizado na vida real. Se os mandamos brincar ao ar livre com pedras, pauzinhos, lamas e pássaros mortos, como as crianças sempre brincaram, os moldamos para que encontrem e criem divertimento, e não fiquem esperando que isso seja dado a eles. E a questão central das afeições é essa: se os ensinamos

a serem motivados pela verdade, virtude e beleza das coisas e ações, nós os ensinamos a valorizarem as coisas pelo que elas são, não simplesmente pelo que elas fornecem. Se removermos a diversão como o árbitro dominante do valor, nós os preparamos para amarem as coisas pelo que elas valem, não meramente pelo tipo de emoção efêmera que provocam. Se persistirmos em ensiná-los a viver com seu tédio imaturo de adoração, os ensinamos a adiar o julgamento de algo que eles ainda não compreendem. Em outras palavras, os preparamos para serem adoradores, não consumidores.

E, talvez, ainda os veremos adorando nos próximos vinte anos.

GUARDE-OS DO MAL

Esse não é outro livro sobre como pregar o evangelho para seus filhos. É um livro sobre como prepará-los para o evangelho. É um livro sobre moldar suas atitudes com relação ao evangelho.

Presumo que, se você está lendo esse livro, é porque quer ver seu filho professar Cristo e segui-lo por toda sua vida. Eu, portanto, acredito que você esteja ensinando-o sobre o evangelho, expondo-o às verdades bíblicas e convocando-o para que se arrependa e creia.

Minha preocupação nesse livro é por que cada vez menos crianças que vêm de lares cristãos estão professando o evangelho, e por que somente uma fração delas continua sendo discípula ao longo de suas vidas. — *David de Bruyn*



editora **batista** regular

Construindo vidas na Palavra de Deus
www.editorabatistaregular.com.br

ISBN 978-85-7414-054-4



9 788574 140544